



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

13 de maio de 2015

A Notícia
Rubens Herbst

“Puxadinhos” do FAM e do Fita em Joinville”

Puxadinhos do FAM e do Fita em Joinville / Florianópolis Audiovisual Mercosul / UFSC / El Vals de los Inútiles / Festival Internacional de Teatro de Animação / Sesc / Revoltosas Manobritas / Cia. Ana Santa Cruz

“Puxadinhos” do FAM e do Fita em Joinville

O Florianópolis Audiovisual Mercosul (FAM) testará um “puxadinho” em Joinville nesta sua 19ª edição. Uma das principais vitrines da produção latino-americana de cinema, o festival ocupará sala no campus da UFSC em duas datas: no dia 20 de maio, exibirá o documentário chileno *El Vals de los Inútiles*, eleito melhor filme no FAM 2014; no dia 21, será a vez dos quatro curtas brasileiros que receberam os principais prêmios da última edição do evento. O mesmo se dará com o Festival Internacional de Teatro de Animação (Fita), que a Capital sediará entre 23 e 30 de maio. Mas outras sete cidades do Estado receberão atrações do evento, entre elas, Joinville. O Sesc local abrirá o palco para *Revoltosas Manobritas*, da Cia. Ana Santa Cruz (Peru), no dia 24, e *Z – As Imagens são P lavras que Sumiram*, da CórteXArte (Curitiba, foto), no dia 28.

**Até o final do
mês, longas e
curtas-metragens
e espetáculos
de animação irão
passar pela cidade.**

Notícias do Dia Cidade

"Homenagem ao "mais antigo""

Homenagem ao mais antigo / Jornal O Estado / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Curso de Jornalismo / José Matusalém Comelli / Márcilio Medeiros Filho / Luiz Henrique Tancredo / Laudelino José Sardá / Sérgio da Costa Ramos / Paulo da Costa Ramos / Rubens de Arruda Ramos / O Estado

Homenagem ao "mais antigo"

Imprensa. ND traz encarte com a história dos cem anos de fundação de "O Estado"

Uma edição especial de 80 páginas sobre o jornal "O Estado", que completaria cem anos nesta quarta-feira, está encartada hoje no *Notícias do Dia*, trazendo um resumo da história do periódico, entrevistas com ex-diretores, jornalistas, colaboradores e articulistas, uma síntese das grandes coberturas que fez e relatos de episódios pitorescos e engraçados que marcaram a trajetória centenária. Fundado em 1915, o veículo é considerado a grande escola de jornalismo em Santa Catarina, porque o primeiro curso para a formação de profissionais da área surgiu apenas em 1979 na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Além de ser encartada no *ND*, a edição especial será entregue durante um evento no hall da Alesc (Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina), hoje, às 10h.

Dividido em dez cadernos, em formato standard, o encarte aborda temas como a influência política de "O Estado" durante

boa parte de sua existência, o papel que exerceu na integração estadual, as transformações tecnológicas que experimentou e os principais jornalistas que passaram pelos seus quadros até o encerramento das atividades, em 2009. Além do diretor presidente na fase mais importante, empresário José Matusalém Comelli, o suplemento traz entrevistas com jornalistas como Márcilio Medeiros Filho, Luiz Henrique Tancredo, Laudelino José Sardá, Sérgio e Paulo da Costa Ramos – estes, filhos do ex-diretor Rubens de Arruda Ramos, que esteve à frente do periódico no final dos anos 50 e início dos anos 60.

Também aparecem depoimentos de ex-fotógrafos, técnicos e colunistas. A edição especial traz ainda textos sobre jornalistas importantes já falecidos e um histórico da criação de uma grande rede de sucursais que garantiu a cobertura estadualizada a partir da segunda metade da década de 70.

EDIÇÃO HISTÓRICA A trajetória centenária

Capa (abaixo) e páginas internas da edição especial que está encartada no *Notícias do Dia* de hoje. São 80 páginas com entrevistas e síntese de grandes coberturas



Notícias do Dia Especial O Estado

"Roubo a banco como batismo"

Roubo a banco como batismo / Entrevista / Centro de Convivências / UFSC
/ Jornalista João Carlos Mendonça Santos / Centro de Comunicação e
Expressão / Assalto / O Estado

notícias do dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. João Carlos Mendonça Santos, o Cachorrão

Roubo a banco como batismo

"O aumento da
violência foi mais
evidente quando
a cocaína chegou
à cidade e pegou
os filhos de
gente rica.

Um crime no Centro de Convivência da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), em 1986, no qual os ladrões vestiram-se de garfs para assaltar a agência bancária que funcionava no térreo do prédio, foi uma espécie de batismo de fogo para o jornalista João Carlos Mendonça Santos. Ele estava no chamado Básico, sede dos cursos da área de comunicação e expressão, quando soube do caso e, munido de caneta e papel, levantou os dados e ligou para Carlos de Freitas, o já então veterano chefe de redação de "A Gazeta", informando sobre o que tinha apurado. No diário da rua Conselheiro Mafra, aquela seria sua primeira reportagem de polícia recebeu elogios do chefe e marcou o início de uma trajetória que teve várias faces, ali e em outros jornais catarinenses.

João Carlos, o Cachorrão, como é mais conhecido, passou pela sucursal de Florianópolis do "Jornal de Santa Catarina", para onde foi levado por Osmar Schindwein, antes de chegar a "O Estado". Na sede do "Santa", na avenida Rio Branco, conheceu e dividiu máquinas, mesas e cadeiras - incluindo as do bar - com a diagramadora Jucélia Fernandes e com os jornalistas Fátima Mafra, Rosimery Laurindo, Bonifácio Thiesen, Ângelo Medeiros e Bonifácio Bertholdo, além do colunista Beto Stodiek. Ficou no jornal até 1987.

Na sequência, João Carlos passou a integrar a equipe de reportagem do "O Estado". Teve Cesar Valente e Mário Pereira como superiores na hierarquia da redação, e quando entrou na editoria de Polícia, a equipe era comandada por Paulo Goeth. Além da formatura em jornalismo, outro sonho se concretizava - trabalhar no principal diário impresso catarinense. "A criminalidade era outra", lembra, hoje, ao referir-se à cobertura policial dos anos 1980 e 1990. "Quando se apreendia um quilo de maconha, dava capa. Hoje, uma tonelada rende uma nota de pé de página".

Cachorrão teve duas passagens por "O Estado". A primeira, mais longa, entre 1987 e 1994, foi interrompida quando o jornalista transferiu-se para a sucursal de "A Notícia" em Capital. A segunda temporada foi de 1996 a 1999, com Mário Pereira como editor-chefe. Foi ali que ele consolidou a carreira iniciada em 1982, aos 18 anos, período em que a cidade vivia o boom dos jornais alternativos. Num deles, o "Galera da Ilha", onde trabalhou com o fotógrafo Bido Muniz (que depois também passou por "O Estado"), Cachorrão deu os primeiros passos como repórter.

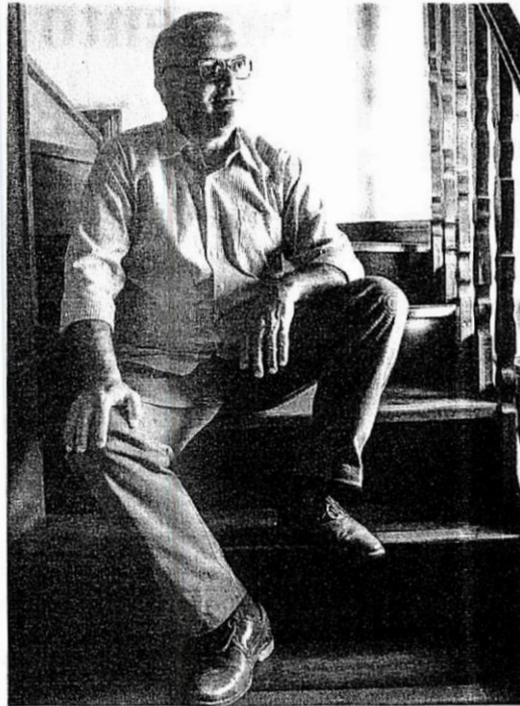
Era a experiência de que precisava antes de alçar voos maiores. Ele havia feito o curso de redator auxiliar no Instituto Estadual de Educação, tendo Paulo Brito entre os professores. O pequeno jornal tinha colaboradores como Túlio Carpes, Luiz Henrique Rosa e Abigail Barreto, figuras tradicionais da cidade, e trazia como diferencial um encarte com desenhos de artistas da Ilha de Santa Catarina.

Carreira na área segurança

Em 1985, Cachorrão foi para "A Gazeta", onde seu pai havia trabalhado. Ele entrou como revisor no veículo, que até ser fechado usava a composição a linotipo. Ali estavam a diretora Maria Iná Vaz, o editor Carlos de Farias e o cronista Jairo Callado, que também escrevia e publicava uma coluna de esportes. A tentativa de fazer jornalismo fracassou porque João Carlos não passou no primeiro vestibular da UFSC, em 1978, e abraçou a segunda opção, Letras português/francês.

Em janeiro de 1992, entrou como comissionado na SSP (Secretaria de Segurança Pública), onde imaginava ficar seis meses - e está há 23 anos. Após sair de "O Estado", João Carlos ainda passou algum tempo no "Notícias do Dia", convidado por Hélio Costa para ajudá-lo a escrever a coluna diária e editar as notícias policiais. Ali trabalhou até sair e abandonar definitivamente a rotina de redação.

Como repórter e, depois, na função de editor, a cobertura



Comparado a um cão de guarda, que não abandonava a porta do gabinete atrás de informações diferenciadas, jornalista ganhou apelido de Cachorrão

ra policial de "O Estado" sempre foi generosa, lembra João Carlos. O dia a dia era de cobertura factual, e nos fins de semana saíam as matérias especiais de duas páginas. A coluna Vias de Fato, cheia de humor, fazia muito sucesso.

"O aumento da violência foi mais evidente quando a cocaína chegou à cidade e pegou os filhos de gente rica", lembra João Carlos. Depois, surgiram as primeiras organizações criminosas, e chegou um tempo em que sair à noite passou a ficar perigoso. "Até então, a gente andava muito a pé, porque não tinha dinheiro para o táxi", conta. Esse tempo de bares após a jornada na redação foi ficando para trás.

Ha mais de uma versão para o apelido Cachorrão. Uma delas dá conta de que o editor Paulo Goeth inventou a alcunha. Outra fala do delegado Renato Hendges, o Renatão, que o comparou a um cão de guarda que não abandonava a porta do gabinete atrás de informações diferenciadas.

Rumoroso foi o "caso Norton", que chocou a Capital. Norton Batista da Silva era um colunista muito conhecido, lido e citado em todas as rodas da sociedade florianopolitana. Ele foi morto em 15 de julho de 1989, aos 43 anos, na avenida Hercílio Luz, dentro do Escort conversível que dirigia, supostamente por alguém que estava atrás de drogas ou dinheiro. "A cobertura de "O Estado" foi diferenciada", assegura João Carlos. A começar pelo registro da cena do crime, pelo fotógrafo Marco Cezar, que estava numa festa no clube Doze de Agosto e chegou ao local poucos minutos depois do disparo contra o colunista. "Norton trabalhava em tevê, rádio, tinha coluna em jornal e foi o nosso primeiro multimídia", conta Cachorrão. Também o fotógrafo Otávio Lamas acompanhou parte do processo relativo a esse crime.

Aos 51 anos, Cachorrão diz que hoje há pouca informação de qualidade e que as redes sociais substituíram em parte o jornalismo impresso. O espaço para as notícias policiais foi reduzido e o nível geral da cobertura piorou. "Os jornais estão mais bonitos que nos anos 1970 e 1980, mas têm pouco conteúdo", declara. Perguntado se faria tudo de novo, ele afirma que sim. "Principalmente por causa de "O Estado", que foi uma escola para muita gente".

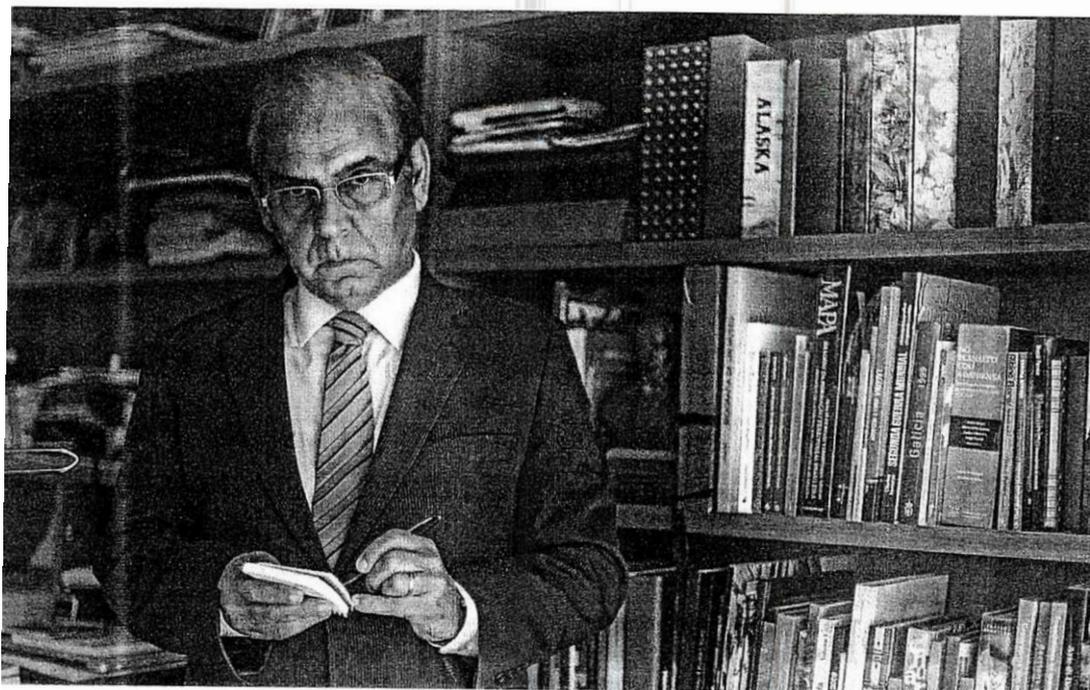
Notícias do Dia Especial o Estado

“Memória de um período efervescente”

Memória de um período efervescente / Entrevista / Moacir Pereira / UFSC /
Direito e Ciência Política / Faculdade de Direito / Jornalismo / O Estado

NOTÍCIAS DO DIA ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. Moacir Pereira



Nas décadas de 1980 e 1990, “O Estado” se transformou numa usina de ideias.

Memória de um período efervescente

“
Imaturo e inexperiente, arrisquei-me demais e fui convidado a passar na Tesouraria.”

A formação humanística devo à família na infância e aos padres jesuítas durante a adolescência no Colégio Catarinense. A educação em Direito e Ciência Política veio da Faculdade de Direito da UFSC. A consciência crítica se aprimorou na presidência do Sindicato dos Jornalistas durante o regime militar. Mas o aprimoramento profissional, com injeções de energia na paixão pelo jornalismo aconteceu na redação do “O Estado”.

Vivi fases distintas na redação do “mais antigo”. Na primeira, com apenas 21 anos, subindo as escadas de madeira do velho casarão da rua Conselheiro Mafra para assinar a coluna “Grande Florianópolis”. Imaturo e inexperiente, arrisquei-me demais e fui convidado a “passar na tesouraria”. O talentoso Marcílio Medeiros Filho, o editor-chefe, recebia-me com o título de “Pereira, o sutil”.

A segunda registrou-se já depois de alguma experiência no jornalismo impresso. Marcílio convidou-me para a série “Moacir Pereira entrevista”. Todos os domingos o jornal publicava uma ou duas páginas tamanho “standard” com as principais celebridades nacionais e estaduais. Nesta época, o jornal funcionava na rua Felipe Schmidt, ao lado da Assembleia de Deus.

E a terceira, mantida durante décadas, a coluna na página 2, seguindo o modelo da “Coluna do Castelo”, no “Jornal do Brasil”: um comentário de abertura, 10 a 12 notas e algumas telegráficas. Ah, já na moderna sede da SC-401.

Um período efervescente, em que repórteres, redatores e colunistas suavam a camisa para enfrentar o “Jornal de Santa Catarina”, pioneiro em offset e o

principal concorrente. Uma saudável disputa, em que o leitor era sempre o maior beneficiado. Entrevistas, reportagens, edições primorosas, muita criatividade e o resultado final de um trabalho coletivo marcado pelo profissionalismo e pela solidariedade. Com uma retaguarda técnica e logística, formávamos todos uma grande família, em clima de amizade e companheirismo.

Nenhuma sugestão de pauta era desprezada, e todas as ideias eram avaliadas e discutidas pelo grupo. A palavra de ordem era “surpreender” sempre... e todo dia. Repórteres, editores e colunistas desdobravam-se em matérias, temas, personagens da Capital e do Estado para produzir as melhores matérias. Uma redação irrequieta que procurava se superar todos os dias, questionando e inovando sempre. Tudo ainda muito distante da era digital, com máquina de datilografia, radifoto, depois telex, mais tarde a revolução do fax. Mas ainda sem as maravilhas da internet. As únicas ferramentas que ficaram: a caneta e o bloquinho de anotações.

Um período em que jornalista trabalhava 24 horas por dia, dormia pensando nas reportagens do dia seguinte, aprimorava o trabalho no contato direto com as fontes, testemunhava os fatos, pesquisava nas bibliotecas e arquivos, estudava a pauta das entrevistas, reescrevia o texto várias vezes e, dicionário Aurélio ao lado, selecionava com precisão as melhores palavras para mostrar a realidade.

Nas décadas de 1980 e 1990, “O Estado” não se projetou apenas com o melhor jornal de Santa Catarina. Transformou-se numa usina de ideias e fermentador de ideias, formando na prática os melhores profissionais de jornalismo impresso na história.

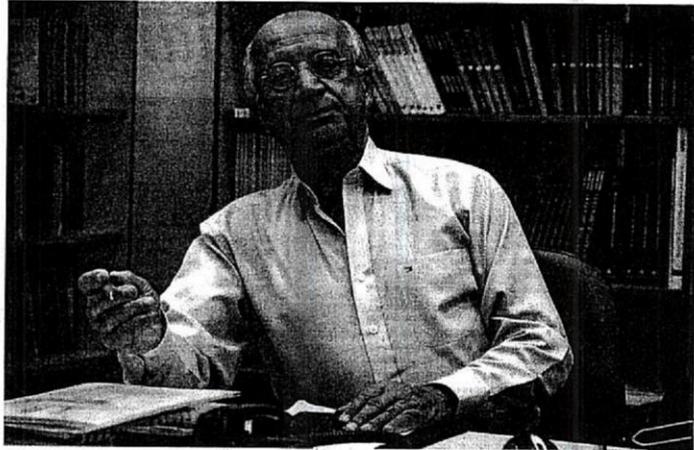
Notícias do Dia Especial o Estado

“Incentivador da integração”

Incentivador da integração / Entrevista / Laudelino José Sardá / Jornalismo impresso / O Estado

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. Laudelino José Sardá



Jornalista participou de período importante da imprensa

Incentivador da integração

“ Não foi pouca coisa, num período em que as comunicações eram mais precárias, e raras eram as rodovias asfaltadas, o jornal ter mil assinantes em Chapecó e em Tubarão, por exemplo, e 600 em Nova Trento.”

Redator-chefe na melhor fase de “O Estado”, Laudelino José Sardá testemunhou os grandes momentos pelos quais passou o jornal nos anos 1970 e 1980. E guarda na memória todos os episódios, as coberturas espetaculares e detalhes do processo que transformou o veículo numa referência do jornalismo impresso de Santa Catarina. Não foi pouca coisa, num período em que as comunicações eram mais precárias, e raras eram as rodovias asfaltadas, o jornal ter mil assinantes em Chapecó e em Tubarão, por exemplo, e 600 em Nova Trento, pequena cidade do Vale do Rio Tijucas. “Foi o último jornal de caráter estadual que tivemos”, aponta ele.

A estadualização foi uma empreitada que teve o suporte do diretor comercial Osmar Schindwein. Foi quando a cobertura que acontecia em São Miguel do Oeste se equiparava, em termos de importância, aos fatos que mexiam com os municípios da Grande Florianópolis. E desse tempo a rede de sucursais que tinha em seus quadros figuras como Marcos Bodin (Chapecó), Nei Mantique, Adelfo Lessa (Criciúma), Arthur Monteiro (Blumenau), Olivetti Salmóira, Ivoce Lorenzoni (Lages) e outros que traziam as notícias de Itajaí, Joinville e Tubarão, além dos correspondentes em municípios de médio porte.

A implantação e a estruturação das sucursais levaram quatro anos para serem concluídas. O material chegava por telex à mesa da editora Marietela Wagner, durante vários anos a responsável pela página de Interior. “Se o ‘Jornal de Santa Catarina’ e ‘A Notícias’ tinham dimensão parecida, porque também eram estaduais”, ressalta Sardá. Blumenau, que sempre alimentou uma forte rivalidade com a Capital, era onde “O Estado” tinha milhares de leitores. O fato de existirem bons jornais em Joinville e Blumenau não impedia de haver ali um grande número de assinantes e acentuada venda avulsa. “Os empresários do Vale tinham nível de Florianópolis, assim como os do Norte”, relembra Sardá. “Hoje, essas cidades são mais consopeladas”.

Um episódio que demonstra peso de “O Estado” foi o salteiro provocado pela denúncia de que o ex-prefeito Pedro Ivo Campos havia furtado um ônibus e jogado a dinheiro de moradores de sua de Joinville para que se mudassem para Florianópolis. O jornal estampou uma manchete falando da transferência dos indigentes, e a repercussão, pela importância e circulação que tinha à época, foi estrondosa. Pedro Ivo fugiu para Sardá, xingou-o de todos os jeitos e ameaçou processá-lo, mas nunca chegou a fazer isso.

Outra matéria de denúncia foi a da procuração que acusava e matava os mineiros de Criciúma e dos municípios vizinhos que extraíam carvão do subsolo. Empresários e sindicatos do setor foram para cima do jornal, mas este estava muito bem calçado, e as informações haviam sido exemplarmente apuradas. A sideral, siderológica de Irbituba que nunca chegou a funcionar, também foi objeto de várias reportagens do jornal. “Era um jornalismo diferenciado, fundamentado, profundo”, diz Sardá. “Os repórteres incomodavam tudo mandando, inclusive o dono do jornal”.

Um dia, pediram a Gervásio Lau, repórter em Blumenau, que fizesse uma matéria sobre o caso de descumprimento de almeida brincavam o Carnaval. Ele mostrou os casos dançando polca, numa reportagem divertidíssima. Nas encêntes de Tubarão, em 1974, e Blumenau, em 1983 e 1984, o jornal não apenas cobria, como fez campanhas de doações para socorrer a população desalojada de suas casas. “O Estado” quebrou o gelo com todas as regiões de Santa Catarina”, avisa Sardá. “O Oeste era muito afastado e se identificava mais com Porto Alegre e Curitiba. Um carinhoso lá todos os dias até o Extremo-Oeste para levar os jornais, e isso mudou aos poucos o quadro vigente”.

O acidente com o avião da Transbrasil, em 20 de abril de 1980, no norte da Virgínia, foi a maior tragédia aérea da história de Santa Catarina, porque matou 55 pessoas, incluindo empresários,

autoridades, sindicalistas e figuras de destaque na sociedade. Sardá ficou sabendo do ocorrido às 19h do sábado, dia da queda, por meio do colega Antônio Kowalski Sobrinho. Sem de casa meia hora depois e chegou ao morro, próximo a Ratonas, na 22a, junto com bombeiros e policiais. O fotógrafo Orestes Araújo ia junto, e ao toparem com a cena do acidente, outro fotógrafo da casa, Leovál Bento, também estava chegando.

O avião ainda estava queimando, havia corpos espalhados, cálcico e braços jogados para todo lado. “Faltavam, empilhados, vidrinhos todos estavam queimados da terra a varela sem distinção de posse e classe”, fala o jornalista. Ele desceu depois das 14h de domingo, mas enquanto esteve no morro a equipe de redação abortiu a edição do fim de semana e fez outra já trazendo a notícia e fotos da tragédia. “Todo mundo correu para ajudar”, recorda Sardá. “O jornal não tinha a edição de segunda-feira, mas suspeitei da sua recusa de fotos e matérias sobre o acidente. Não sei se hoje se faria isto de novo”.

Na ocasião, o antigo DAC (Departamento de Aviação Civil) sabia com seus homens de terra, e Sardá se infiltrou entre eles, descobrindo que quem estava no comando da aeronave era um tenente-coronel da Aeronáutica que não fez a rota correta para descer no aeroporto Hélio Luz. Se estivesse 80 metros acima, o avião não teria colidido com o morro. Por causa dessa informação, o jornal foi posteriormente processado pelo Ministério da Aeronáutica.

Cobertura das enchentes

Entre as grandes coberturas, ele cita a da enchente de Tubarão, que deixou 199 mortos, e as cheias de Blumenau, nas quais, além da informação, o jornal trouxe o drama das pessoas, histórias humanas e a dramática situação das famílias que pensaram todo o que tinham pela força das águas. No caso de Tubarão, foi alagado um helicóptero para dar conta da cobertura, porque as duas pontes da cidade raiam e tudo ficou embaixo d’água. “O Estado” também fez um grande trabalho na Novembro, outro episódio que demonstrou a capacidade de mobilização da equipe. Essa cobertura rendeu ao jornal o reconhecimento e prêmios nacionais de jornalismo.

Antes 19 anos, Laudelino José Sardá já era editor-chefe do “Diário Catarinense”, jornal do grupo Diários Associados chefiado por Alirio Bontle e que funcionava na esquina das ruas Jerônimo Coelho e Vidal Ramos, no Centro de Florianópolis. Sua preocupação, no entanto, fez com que aos 14 anos começasse a trabalhar no jornal “Comércio”, no bairro Estreito, para ajudar a família, já que seu pai teve a aposentadoria cassada pelos militares.

No “mais antigo”, Sardá começou na rádio-escuta, na sede da rua Conselheiro Mafra, em 1971. Um ano depois, a empresa se mudou para os altos da rua Felipe Schmidt, e com isso também chegaram o offset e uma nova leva de jornalistas que mudaram para sempre a história do jornal. Nesse interim, formou-se em Letras pela UFSC.

As edições de fim de semana de “O Estado” saíam com até 130 páginas standard e pelo menos cinco grandes reportagens – sendo que, assinadas, só as melhores. Em seus anos de jornal, Sardá fez a última entrevista com o sociólogo Paulo Freyre, em Genebra, antes deste retornar do exílio, e da conversa extraiu uma manchete provocadora, com base em frase do entrevistado: “O povo brasileiro é autárquico por natureza”. Ele também viabilizou a vinda do jornalista e escritor Salim Miguel, que estava no Rio de Janeiro, para a Editora da UFSC – e para as páginas de “O Estado”, como o único colaborador remunerado do jornal.

Uma vez, saiu o nome do Nobel de Literatura lá pelas 20h – um poeta grego cujo nome era impronunciável para a maioria. Por telefone, Salim passou a ficha do escritor. “O Estado” foi um dos poucos jornais do Brasil a dar uma matéria completa no dia seguinte. “Salim mobilizou a cultura de Florianópolis”, relembra Sardá.

Notícias do Dia Especial o Estado

“Temas proibidos eram como bombas / Primeira experiência em jornal grande”

Temas proibidos eram como bombas / Primeira experiência em jornal grande / Renata Rosa / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Alfredo Pescador / Livro / Curso de Jornalismo / O Estado

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Temas proibidos eram como bombas

Época de censura foi de intensa monotonia política e absoluta escassez de informações

Em “O Estado”, o jovem Aldo Granjeiro compartilhou a velha Olivetti com vários outros novatos e um time respeitado de jornalistas experientes. Ele recorda das reuniões de pauta pela manhã, regadas a café, onde a pergunta comum era “o que temos para hoje?”. Foi numa dessas ocasiões que, após a leitura do material que o jovem repórter trazia à redação, o editor Sérgio da Costa Ramos, com os olhos arregalados, disparou “essa é bomba”, “é nitroglicerina pura”. Tratava-se da divulgação de um documento do governo Colombo Salles – que era uma manifestação do regime militar contra as oligarquias – que determinava ampla reforma na estrutura política e mudava os personagens da política local.

Aliás, era um dos tantos assuntos que não podia frequentar a pauta política, conforme determinava a censura vigente. “Tudo precisava ser feito na surdina, longe dos olhos do povo. Pois o jornal “O Estado”, propriedade do poderoso ‘doutor Aderbal’ (ex-governador Aderbal Ramos da Silva), um dos oligarcas que o ‘governo técnico’ declarava guerra, decidiu não apenas publicar a reportagem, como se dedicar a repercutir o caso.

“Hoje, quando busco explicações para os motivos que me levaram ao meu primeiro grande furo de reportagem, a conclusão é a mesma que tem pautado meu trabalho de jornalista há quase cinco décadas: o objetivo de um repórter é conseguir uma notícia antes dos outros, para publicá-la em primeira mão”, diz.

A época sob censura vivenciada por Granjeiro na redação de “O Estado” foi de intensa monotonia política e absoluta escassez de informações, submetendo jornalistas a longas jornadas de espera em antessalas de gabinetes e órgãos públicos em busca de declarações das autoridades, sempre muito cuidadosas e reticentes no uso das palavras com a imprensa.



Aldo Granjeiro foi o primeiro repórter a mostrar o trabalho de Franklin Cascaes

“Vivíamos ainda sob o golpe de 1964, regime que submeteu o Brasil a ditadura militar até 1985”. O repórter competente, contudo, antevê a notícia e sabe superar os obstáculos para contá-la com isenção.

Em sua carreira de jornalista em “O Estado”, Aldo Granjeiro recorda como foi o primeiro repórter a mostrar o trabalho de Franklin Cascaes. “De alguma forma descobri e mostrei Cascaes para a comunidade. Ele era uma pessoa modesta, professor da Escola Técnica Federal, que fazia da sua reclusão um espaço criativo com seus bonecos, seus desenhos.”

Ele destaca ainda outra reportagem que ficou na história: a dos “Brasiguaios” – agricultores brasileiros que invadiam terras do Paraguai em busca de melhor sorte.

Primeira experiência em jornal grande

Da nova geração de repórteres com passagem pela ampla redação da SC-401, a itajaiense Renata Rosa também guarda momentos memoráveis. Graduada pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), a jornalista – que lançou, recentemente, na Lagoa da Conceição, o livro “Alfredo Pescador”, de crônicas de Alfredo J. Rosa (*in memoriam*) – trabalhou em “O Estado” entre 1993 e 1996.

Renata atuou nas editorias de Geral e Economia e conheceu, por exemplo, a Costeira do Pirajubá antes do aterro da Via Expressa Sul, onde aparece em foto de Hermínio Nunes. “Naquela época, o mar batia no muro da Avenida Jorge Lacerda”.

Na editoria de economia, cobriu a inauguração do McDonald’s em Florianópolis. A chegada da principal marca americana do lanche rápido, o símbolo da suposta supremacia dos Estados Unidos, foi tratada como um grande evento na cidade na época da consolidação da abertura democrática.

Renata reconhece que, apesar das dificuldades estruturais, a passagem pela redação de “O Estado” foi fundamental para seu amadurecimento profissional. Dela e de diversos novos repórteres formados entre os anos 1980 e 2000 em Santa Catarina, e tantos outros que chearam do interior e de outros Estados.



Renata Rosa: “Apesar das dificuldades estruturais, a passagem pela redação foi fundamental para seu amadurecimento profissional”

Notícias do Dia Especial o Estado

“Um menino curioso na redação”

Um menino curioso na redação / Entrevista / Sérgio da Costa Ramos /
Rubens de Arruda Ramos / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina /
Telex / Moacir Pereira / Reitoria / Rua Bocaiúva / O Estado

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. Sérgio da Costa Ramos



Política, censura, esporte e Caderno 2 foram alguns dos desafios enfrentados

Um menino curioso na redação

“
Na época, a política era exercida por gente mais digna e a atmosfera era de respeito, embora houvesse o banditismo e as fraudes.”

Quando alguém diz que Sérgio da Costa Ramos começou de calças curtas em “O Estado”, não está sendo cínico ou exagerado. Antes dos 17 anos, filho de Rubens de Arruda Ramos, diretor do jornal, ele já estava na redação, primeiro como curioso, depois na condição de revisor, e só não passou a escrever críticas porque o pai, cauteloso, achava que ainda era cedo para voar tão ostoso. Aquele era o tempo da rádio-escuta e do gillente-prensa, jargão do jornalismo que pode ser entendido como a cópia – ou melhor, o recorte encançado – de notícias de outros veículos para publicação não autorizada, no caso, num jornal local.

Hoje, aos 67 anos, ele ri dos tempos em que, quando os aviões não desciam no Hercílio Luz por causa do mau tempo, o gillente-prensa dava vez à rádio-escuta: os técnicos ouviam a Nacional, a Mayrink Veiga, a Globo, a Tupi e a Bandeirantes, com toda a atenção possível, para produzir os noticiários. Na Guarujá, eles cercavam textos dos jornais catarinenses, os preferidos dos leitores da ilha, e mandavam o material para o outro lado da praça, mais precisamente o “paradiso” da rua Conselheiro Mafra. Quando não havia jornais, as emissoras de fora é que salvavam em redutores de plástico.

A primeira grande inovação foi o advento do telex, já no início dos anos 70. A UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) foi a responsável pela novidade. Levados por Moacir Pereira, assessor da instituição, Sérgio e alguns colegas foram vez, na antiga reitoria da rua Bocaiúva, o “novo milagre da instantaneidade”, com teclas que “trabalhavam” sozinhas a partir de impulsos vindos de longe. Os textos das agências de notícias chegavam prontinhos, organizados, dentro dos padrões, com lead e todas as regras do jornalismo objetivo, que ganhava corpo.

“Era uma época romântica, de gente amadora, mas com talento, de homens de letras e estudantes de filosofia, sociologia e direito que circulavam nas redações”, conta Sérgio. Neste sentido, “O Estado” foi uma grande universidade de jornalismo. A manufatura era a antropologia, feita no litótipo, com as páginas chamadas a quente. Como revisor, ele lia títulos, andava e matéria de cabeça para baixo nas provas, e também se submetia à toxicidade do chumbo, que obrigava os operadores a tomarem muito leite para não ficarem doentes.

“Os jornais eram uma espécie de Senadinho”

O jornal “O Estado” foi comprado por Aderbal Ramos da Silva no final da década de 1940 e se tornou o porta-voz do PSD (Partido Social Democrático). Não havia tantas agremiações partidárias assim, e elas se serviam do jornalismo para difundir suas ideias. Rubens de Arruda Ramos, afinado com Aderbal, ficou até junho de 1964, concorrendo com “A Gazeta”, que respaldava a UDN (União Democrática Nacional). “Os jornais eram uma representação populista, uma espécie de Senadinho”, afirma Sérgio. Até ali, os periódicos continham mais notas internacionais, informações de serviço e algumas notícias da cidade.

Com o golpe de 1964, veio a censura. O jornal era visitado pelos agentes da Polícia Federal e o Ministério da Justiça arrolava os assuntos proibidos, uma lista negra de temas – em suma, um “índice”. Por causa disso, um dia a página de Política saiu em branco, uma forma de protesto contra a ação dos censores. Na manhã seguinte, a cidade inteira queria saber o que aconteceria, opinava sobre as razões daquele espaço vazio, fazia conjecturas e especulações. Não decorreu para todos sabermos que os agentes da PF andavam visitando a redação.

Com o offset, que também veio com os anos 70, o jornal tinha um horário mais rígido para o fechamento. “Apagávamos as luzes do saguão para dar a entender que a edição estava fechada”, conta Sérgio. “A PF não gostou daquele espaço em branco, mas realmente tínhamos um horário, pelos limites da rotoplana. Mudamos a rotina dos agentes”. Mesmo assim, lamenta o jornalista, a pressão sobre as redações se estenderia por muito tempo. “A diátria era para terminar em seis meses e durou 21 anos”.

Em sua passagem pelo “mais antigo”, Sérgio também fez esporte e trabalhou no Caderno 2, com Marcelo Medeiros Filho e Raul Caldas Filho, colegas que depois o acompanharam no “Jornal da Semana”. Trabalhou ainda no “Jornal de Santa Catarina” e foi correspondente da “Veja” no Estado. Quando morou na Inglaterra, cobriu para revistas semanais o casamento do príncipe Charles e Diana. E, já no “Diário Catarinense”, acompanhou as duas passagens de Bill Clinton nos Estados Unidos e a Copa da França, em 1998.

Revisar publicações legais e a programação de cinema às avessas estava longe da provocação que seria a relação predileta de Sérgio da Costa Ramos com a Polícia Federal. Por causa de três críticas – “Por que morte Edison Luís?”, sobre o estudante morto no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro; “Por quem os sírios dobram?”, sobre o enterro do mesmo estudante; e “Arthur e eu na calçada da noite”, referência do general-presidente Arthur da Costa e Silva – cujo teor foi informado ao SNI (Sistema Nacional de Informações), em Brasília, ele foi considerado subversivo e ficou preso durante seis meses em Florianópolis e outros seis em Curitiba.

A prisão ocorreu em 8 de dezembro de 1968, poucos dias antes da edição do A15, quando a lista dos militares conseguiu impedir um movimento de regime. Até então havia uma relativa liberdade de imprensa, mas o aprofundamento dessa pouca e o Ato Institucional revogou a Constituição e as garantias e direitos individuais. “Tive um ano na faculdade de Direito por causa da prisão, e depois mais um ano porque não me dedicaram a ser juiz a prova”, relembra Sérgio. “E ninguém quis ser meu advogado de defesa”.

Quando sua ex-mulher, professora da UFSC, foi fazer um curso em Londres, Sérgio aproveitou para sair de cena, porque a atmosfera aqui era adversa para o exercício do jornalismo. Havia uma nova ordem, e os jornalistas foram vítimas de perseguições e ameaças.

Tempos áureos da política

Falando dos tempos românticos do jornalismo, Sérgio ressalta que havia muitas questões partidárias que colocavam amigos e até irmãos uns contra os outros. Foi o caso das disputas entre os irmãos Rubens e Jaime de Arruda Ramos, um no PSD, outro na UDN. Contudo, à parte das diferenças políticas, eles se davam bem. Mesmo assim, os partidários não reconheciam as obras de Imenes Borhais, o governador da UDN. Quando este pavimentou a serra do Rio do Rastro, “O Estado” dizia que a obra era uma ficção ideológica. Depois, falando da “caravana da vitória” do PSD, disse que ela passou pela estrada – já não mais uma ficção, porque paliada pelos poderes do partido.

“A política era exercida por gente mais digna, correta, e a atmosfera era de respeito”, destaca Sérgio. Já o bem jornalista deu um exemplo no episódio do Novembro, a que o “Jornal da Semana” batizou de “batalla do calçadão”. Com os fotógrafos Orestes Araújo e Paulo Dutra nas ruas, o semanário não só mudou a capa e fez “uma edição espetacular” (com dez páginas sobre o evento), como, por telefone, abastecia o repórter Luiz Mir, catimeneiro que estava no “El País”, da Espanha. O jornal madrileño trazia na manchete a informação bombástica de que o presidente João Baptista Figueiredo havia levado um tapa em praça pública.

Notícias do Dia
Especial o Estado
"Riqueza intelectual no OE"

Riqueza intelectual no OE / Entrevista / Raul Caldas Filho / Livro / Oh que delícia de Ilha / Vestibular / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / O Estado

NOTÍCIAS DO DIA ESPECIAL **O ESTADO** - 13/05/2015

Entrevista. Raul Caldas Filho

Riqueza intelectual no OE

“
O veterano
jornalista
como leitura
obrigatória.
”

Estudantes catarinenses das últimas duas décadas com certeza tiveram que aprender muito com (e sobre) Raul Caldas Filho. O veterano jornalista teve seu livro "Oh Que Delícia de Ilha" incluído no vestibular da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) como leitura obrigatória. Obra de crônicas, best-seller indiscutível do autor, com cinco edições, mais de 7.000 exemplares vendidos, uma proeza em se tratando de literatura do Estado.

Mas não é só isso: Raul é autor de outros dez livros, desde "Delirante Desterro" (1980) até "A Ilha dos Ventos Volúveis" (2011), e prepara o lançamento do 12º, "Assassinato ao Luar", para julho deste ano.

Jornalismo e literatura se confundem permanentemente na trajetória de vida desse escritor inquieto, nascido em São Francisco do Sul há 74 anos, mas radicado em Florianópolis desde a adolescência. Raul é de uma geração que, nas redações, vivia em constante ebulição criativa. As reportagens eram vividas e escritas com paixão, os repórteres tinham o que se pode chamar de "imaginação literária", caprichando muito na estruturação dos textos.

Ele conheceu um período intenso do jornal "O Estado", de seu ingresso como free-lance, ainda nas fase da linotipo, em 1963, até a saída definitiva em 1995, "com idas e vindas que levariam o diretor Osmar Schlindwein a dizer, certa vez: "não assino mais a tua carteira". Raul nem lembra quantas vezes foi admitido e, depois, se demitiu em busca de outros projetos – como um período de dois anos no Rio de Janeiro, onde foi redator e repórter da célebre revista Manchete.

Grandes reportagens

Além das grandes reportagens – algumas delas incluídas no livro "O Solitário das Galés" –, Raul Caldas Filho foi também repórter político e de Geral de "O Estado", nuns tempos de escassa mão de obra especializada, muito antes da profissionalização que viria com a fase offset (1972) do jornal.

Mas ele confessa que se realizava com as grandes reportagens, matérias especiais sobre temas e personagens bacanas de Santa Catarina, um tipo de jornalismo diferenciado dos anos 1960 a 1980 e mais raro hoje em dia. Era o repórter transformando boas pautas em textos de imensa riqueza literária e jornalística, muitos deles atemporais, outros, muito semelhantes ao gênero da crônica.

A crônica, a propósito, esteve presente quase sempre na carreira de Raul em "O Estado", com publicações semanais ou, às vezes, esporádicas. Em geral, tratando de temas muito caros a Florianópolis e ao litoral catarinense: personagens típicos, histórias engraçadas ou tragicômicas, tudo aquilo que acabou despertando o gosto do leitor médio. Isso explica por que, ao longo de mais de 30 anos, os livros do jornalista e escritor alcançaram tanto sucesso de público.

Dedicação à literatura

"Fiz de tudo em "O Estado", do copidesque (função de reescrever textos), à reportagem, à redação, à edição, colunas, crônicas. Foi editor do Caderno 2, que circulou entre as décadas de 1970 e 1980, com grandes reportagens e muitas matérias e colunas culturais. Somando todas as idas e vindas, fiquei mais de 30 anos no jornal,



O escritor e jornalista prepara seu 12º livro, de contos

tínhamos uma relação de muito carinho e proximidade. "O Estado" era o jornal de Florianópolis, uma instituição da cidade, desde os tempos do Velho Fardieiro (casarão onde funcionava na rua Conselheiro Mafra) à sede definitiva na SC-401", lembra Raul.

Em sua memória, conserva momentos extraordinários vividos dentro da redação, como a agonia de Tancredo Neves, em 1985.

"Naquele ano, estava como free-lance na editoria política, justamente a que acompanhava o caso de Tancredo. Passamos madrugadas inteiras à espera do desenlace, era raro sairmos cedo da redação", conta.

Depois que saiu de "O Estado" em 1995, Raul passou a dedicar-se apenas à literatura. Que continua sendo a maior paixão, para alegria da sua imensa legião de fãs.

Notícias do Dia Especial o Estado "A grande escola de "O Estado""

A grande escola de "O Estado / Entrevista / Cesar Valente / Curso de Jornalismo / UFSC / O Estado



Entrevista. Cesar Valente

Muito antes da faculdade, o jornal recrutava estudantes de Letras ou Direito, que eram treinados e atuavam na redação.

A grande escola de "O Estado"

“
Impresso precariamente, a aparência do "O Estado" não era das melhores. Mas a vitalidade dos jornais dos centros maiores parecia estimular os jornalistas daqui.”

”

Por mais que tenhamos lido e escrito sobre o jornal "O Estado", muito ainda falta dizer. Traumatizados com seu fim melancólico e, apesar da idade, precoce, talvez tenhamos passado muito tempo tentando entender como isso foi possível e buscando causas, esquecendo-nos de outros temas igualmente importantes.

Há vários momentos importantes, na história do jornal, sobre os quais se tem falado pouco. Um deles, que foi fundamental, a meu ver, para que todo o restante da história se desdessa da forma como ocorreu, é a chegada dos jovens bacharéis à redação na década de 1960. Quando o também jovem José Manuel Comelli assumiu a direção do jornal, conseguiu convencer alguns amigos e conhecidos a fazer parte da equipe. O time principal era composto por Marcellio Medeiros Filho, Luiz Henrique Tancredo e Sérgio da Costa Ramos. Na área operacional, tratado pelo diretor anterior, Domingos de Aquino, outro estranho, Osmar Schlindwein.

Impresso precariamente, numa folha rotulada, e composto em linotipo, a aparência do jornal "O Estado" não era das melhores. Mas a vitalidade dos jornais dos centros maiores, como o então inovador "Jornal do Brasil", parecia estimular os novos jornalistas de "O Estado". Mas sabemos muito pouco sobre o que aconteceu no jornal durante os anos que antecederam a grande reforma de 1972. Seria muito difícil, para a construção de uma história da imprensa catarinense melhor contada, ouvi-los sobre aquele período.

Agilização da reforma gráfica

Quando foi surpreendido pelo lançamento do "Jornal de Santa Catarina", impresso em offset e com um nível de profissionalização que ainda não tinha sido visto por aqui, Comelli teve que acelerar o passo e implantar "pra ontem" as mudanças que talvez estivesse pensando para depois de amanhã. E essa operação, que foi o grande marco da história de "O Estado", foi conduzida por aquele quarteto, reforçado pelo Paulo da Costa Ramos, o PCR.

A ligação de "O Estado" com a imprensa dos grandes centros não ficava apenas na admiração. Marcellio Medeiros Filho foi correspondente do "Jornal do Brasil", Sérgio da Costa Ramos, da "Veja", e Tancredo e PCR acompanhavam tudo o que se publicava no Brasil e no exterior. Quando surgiu a oportunidade de lidar a reforma do jornal, eles esta-

vam prontos. Com seus diplomas de Direito deixados momentaneamente de lado, compunham, sem querer, a primeira turma formada pela grande escola de jornalismo em que "O Estado" se transformaria a partir dali.

Talentos convocados à redação

Osmar Schlindwein chegou a registrar esta impressão, em depoimento de 2011, incorporado à tese de doutorado da Lenzi Budde (Jornadas Imprensa: "O Estado" e Florianópolis - 1985 a 2009). Osmar conta que quando o jornal começou a se profissionalizar, em 1972, "não tinha o curso de Jornalismo, e o jornal precisou formar uma redação. Tanto na rua Cosme Velho Mafra como depois, na sede da rua Felipe Schmidt. Pegava-se pessoas com talento, em geral estudantes de Direito ou Letras, dava treinamento e ele virava repórter."

O que no início era feito por necessidade, pela escassez de mão de obra, depois acabou sendo incorporado ao dia a dia. Não como uma característica especial de "O Estado", mas porque, na década de 1970, as redações da maioria dos jornais eram assim. Aprenda-se muito nas redações. E em "O Estado" não foi diferente. Há uma geração de jornalistas que lembra com gratidão e saudade da vivência que teve quando passou por lá. E é provavelmente essa troca de experiências, essa sensação de que, mais do que um local de trabalho, "O Estado" foi um local de aprendizado, que faz com que, há cinco anos, um grupo grande de ex-funcionários se reúna periodicamente, para confraternizar e se divertir. Os jornais passaram, mas o que a gente aprende fica para sempre.

* Cesar Valente iniciou no jornalismo em 1970, no jornal "O Estado". Em 1978, fez parte da comissão que criou o Curso de Jornalismo da UFSC. Durante os 45 anos de carreira, foi repórter, redator, cronista, ilustrador, cartunista, designer gráfico, professor universitário, coordenador de curso universitário, editor, chefe de redação, webmaster, secretário de redação, consultor e sócio-proprietário de empresa jornalística. Atuou em Florianópolis (Governador do Estado, jornal "O Estado", UFSC e revista "Empreendedor"), Porto Alegre (TV Gaúcha, Rádio Gaúcha e "Diário do Sul"), Brasília (EBN do Ministério da Justiça e "Gazeta Mercantil") e São Paulo (Companhia de Notícias e "Gazeta Mercantil"). Atualmente, presta serviços de design gráfico, consultoria editorial e de comunicação.

Notícias do Dia Especial o Estado

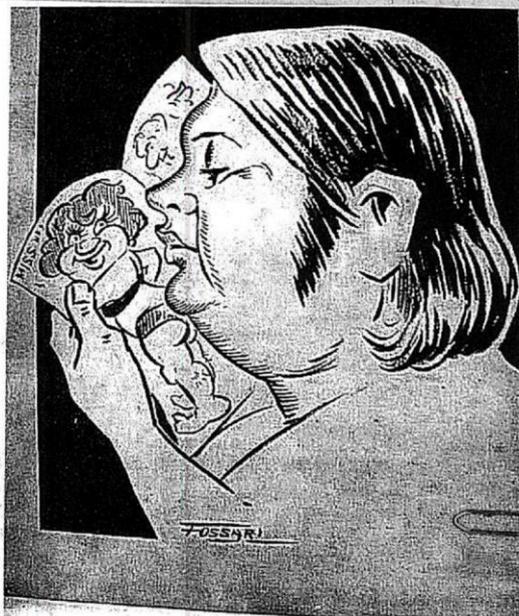
"Mestre jornalista, profissional completo"

Mestre jornalista, profissional completo / Toninho Kowalski / UFSC /
Jornalismo / Curso de Jornalismo / O Estado / Antônio Kowalski Sobrinho /
Prêmio Jerônimo Coelho de Jornalismo

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Homenagem. Toninho Kowalski

Mestre jornalista, profissional completo



O jornalista na visão bem humorada do artista Fossari

“
No contexto geral da profissionalização do jornal, destacaram-se os jornalistas que tinham o jornal como "bico" e os que, apesar do pouco tempo passado na redação, se transformaram em verdadeiras feras.”

“
Na trajetória da redação de "O Estado" é preciso separar seis momentos básicos: os primeiros tempos da era Aderbal Ramos da Silva, a partir de 1946; a presença de Rubens de Arruda Ramos na direção, até 1965; a nova gestão, com José Matusalém de Carvalho Comelli, a partir de 1967; a fase off set, que trouxe os jornalistas gaúchos a partir de 1972; a mudança para o parque industrial da SC-401, em 1977; a informatização total, a partir de 1986. Entre 1946 e 1972, os profissionais que atuavam na redação eram geralmente estudantes universitários ou recém-formados em Letras ou Direito, convocados pelos gestores do jornal. Depois, vieram os "de fora", em geral gaúchos, formados e experientes. A faculdade de Jornalismo da UFSC só seria fundada em 1979.

No contexto geral da profissionalização do jornal, que teve início sob a supervisão de Comelli, destacaram-se vários tipos de jornalistas: os que tinham o jornal como "bico" e os que, apesar do pouco tempo passado na redação, se transformaram em verdadeiras feras da redação, entendendo e praticando todos os processos – da reportagem ao copidesque, do copidesque à edição e revisão. Nem todos tinham esse gabarito, de profissionais completos, capazes – se fosse necessário – de fazer um jornal inteiro, sem ajuda de ninguém.

Um nome se destacou entre os profissionais que atuaram no primeiro período de Comelli como gestor, justamente entre 1967 e o ingresso na era do off set, em 1972. Admitido no quadro de "O Estado" em 1969, Antônio Kowalski Sobrinho era um polaco alto, nascido e criado na rua Conselheiro Mafra, bem perto do jornal, bonachão e divertido, sempre solidário com os colegas menos experientes, de uma competência indiscutível. Fábio Comelli, que foi diretor de "O Estado", não chegou a conviver muito tempo com Toninho na redação da SC-401, mas resume numa frase o que pensava: "Toninho era a alma do jornal".

Visão técnica e rigorosa

Rigoroso com a língua portuguesa e com as regras gerais do jornalismo, que aprendeu na prática (era for-

mado em Direito, carreira que nunca seguiu), Toninho Kowalski dominava a redação como poucos. Acompanhou quase todas as transformações do jornal, só perdeu a última, a informatização integral, porque morreu cinco anos antes (28 de junho de 1991), deixando inconsoláveis os familiares e uma legião de amigos e colegas de profissão.

Ele tinha a visão técnica do jornal, não se envolvia com as questões institucionais ou políticas, cumpria os ritos internos que interessavam para "o feitor ficar à sua disposição" no dia seguinte, em bom produto, com conteúdo de qualidade. Atuou em várias frentes, da reportagem à edição, contribuindo em praticamente todas as áreas (editoriais), embora durante a maior parte de sua carreira tenha sido um profissional "de cozinha", como eram conhecidos aqueles que ficavam mais na redação, a retaguarda do jornal. Quando morreu, era o editor-executivo do jornal, faltava um degrau apenas para alcançar o posto de editor-chefe.

Wilson Libório de Medeiros, que conheceu Toninho na Conselheiro Mafra e trabalhou com ele em todas as fases até a mudança para a sede da SC-401, lembrou na edição de 80 anos do jornal "O Estado", em 1995: "Sou daqueles que conheceram o Toninho pouco mais que menino, o adolescente inquieto, sempre polemista e extremamente gozador. Vivia jornalismo 24 horas ao dia. Enfim, convivi com ele, brinquei e também briguei com ele, enfrentamos boas paradas juntos, umas perdidas, outras vencidas. Toninho foi um grande amigo e um grande exemplo".

Profissional premiado

Além da redação de "O Estado", Toninho atuou também na área de comunicação do governo do Estado e foi o mais jovem presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, com apenas 27 anos de idade.

Foi ainda correspondente de "O Globo" em Santa Catarina e participou do primeiro grupo de trabalho da UFSC para a criação do curso de jornalismo, em 1973. Em 1977, recebeu um dos prêmios mais importantes da comunicação catarinense, o "Prêmio Jerônimo Coelho de Jornalismo".

Notícias do Dia
Especial o Estado
"Praça 15 em Guerra"

Praça 15 em Guerra / Movimento popular / João Baptista Figueiredo / Brasil / Cavalaria da Polícia Militar / Praça 15 de Novembro / Museu Cruz e Sousa / Palácio Rosado do Governo do Estado / Novembrada / Presidente militar / DCE / Diretório Central dos Estudantes / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Lei de Segurança Nacional

NOTÍCIAS DO DIA ESPECIAL **O ESTADO** - 13/05/2015

Praça 15 em guerra

Cercada pela cavalaria da Polícia Militar, a Praça 15 de Novembro parecia uma praça de guerra. A confusão se estendia pelas ruas do entorno, principalmente nos primeiros quarteirões da Felipe Schmidt, até a esquina com a Trajano e nos fundos do atual Museu Cruz e Sousa, o antigo Palácio Rosado do Governo de Santa Catarina, ponto de partida para a "Novembrada". Os desdobramentos do movimento popular que desafiou a arrogância do general João Baptista Figueiredo, o último presidente militar do Brasil depois do golpe de 1964, e apressou o processo de redemocratização da política nacional, também foram estampados com destaque nas páginas de política de "O Estado".

A cobertura foi a manchete de 1º de dezembro de 1979.

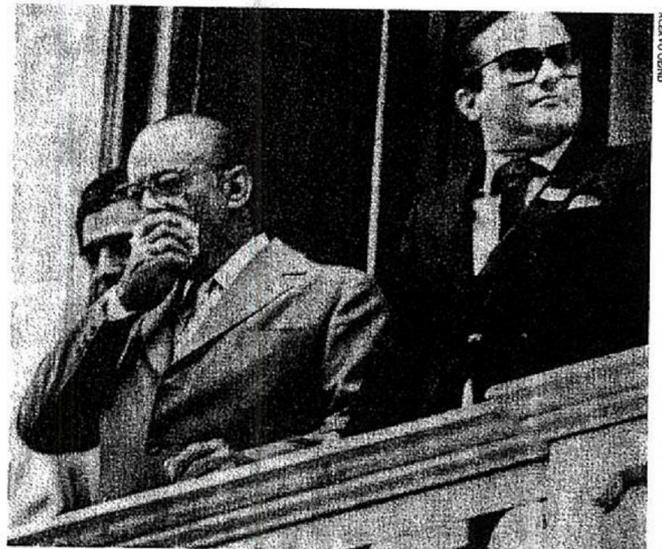
Vivia-se o período da "abertura" e cogitava-se que o general Figueiredo seria sucedido na presidência por um civil escolhido pela via indireta. No dia anterior, ou seja, 30 de novembro, o general Figueiredo visitou Florianópolis para participar de solenidades oficiais, como o desceramento de uma placa em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto na praça 15. Além disso, conheceria o projeto de criação de uma indústria siderúrgica com recursos financeiros do governo federal para posterior implantação. Um dos fatos mais marcantes na história contemporânea da política nacional, curiosamente, a Novembrada ocorreu depois da promulgação

da anistia aos perseguidos políticos do regime de 1964.

A comitiva presidencial contava também com o ministro das Minas e Energia, César Cals. Foi traçado um paralelo entre o regime militar de Figueiredo e as práticas arbitrárias de Floriano Peixoto. Embora a placa em homenagem ao marechal tenha sido o estopim da revolta, manifestantes deixaram claro na época que o descontentamento era mesmo contra a ditadura e os constantes aumentos do custo de vida, em especial dos combustíveis e dos alimentos.

Após a recepção no Palácio, onde apareceu na sacada e fez um gesto ofensivo à multidão que protestava na praça 15, Figueiredo, Bornhausen, César Cals e assessores foram para o "Senadinho", no Ponto Chic, tradicional ponto de encontro na esquina da Felipe Schmidt com a Trajano.

Na praça, Figueiredo e comitiva foram recepcionados por uma manifestação estudantil, com cerca de 4 mil pessoas, organizada pelo DCE (Diretório Central dos Estudantes) da UFSC



Episódio conhecido como Novembrada apressou o processo de redemocratização da política nacional

(Universidade Federal de Santa Catarina). A manifestação foi abafada pela Polícia Militar, resultando em muita confusão e violência e na prisão de sete estudantes, indiciados na Lei de Segurança Nacional, mais tarde absolvidos em julgamento realizado na 5ª Região Militar, com sede em Curitiba, no Paraná.

A cobertura de "O Estado" seguiu nas semanas seguintes, quando várias manifestações foram organizadas exigindo a libertação dos estudantes presos. Alguns protestos no Centro de Florianópolis reuniram mais de 10 mil pessoas, número relevante na época, e emissoras de televisão [Cultura e Barriga Verde] tiveram material apreendido e coberturas censuradas. A Novembrada virou curta-metragem nas mãos do cineasta Eduardo Paredes, que também foi repórter e editor de "O Estado".

Movimento popular desafiou a arrogância do general João Baptista Figueiredo, o último presidente militar do Brasil depois do golpe de 1964

Notícias do Dia Especial O Estado

“Difusor de informações relevantes”

Difusor de informações relevantes / Celso Vicenzi / O Estado / Curso de Jornalismo / UFSC / Prêmio Jerônimo Coelho de Reportagem / Ilha de Anhatomirim

NOTÍCIAS DO DIA ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. Celso Vicenzi

Difusor de informações relevantes

Os anos 1970 e 1980 foram muito produtivos, com a elaboração de grandes reportagens.

”

Trabalhei durante cinco anos e meio em “O Estado” foi o suficiente para que Celso Vicenzi admita ter sido essa uma de suas mais prodigiosas experiências de vida. Entre 1980 e 1985, ele atuou na área de Geral, sempre como repórter, exceto na edição de alguns cadernos especiais. “Foi um período de grande aprendizagem e, ao mesmo tempo, de muitas experiências, na maneira de escrever e editar as notícias”, afirma. “Época em que se escrevia muito, em que os espaços editoriais eram fartos, sobretudo num jornal standard”. Celso era um aglutinador que mais tarde assumiu a presidência do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina e mudou radicalmente a relação da entidade com a classe patronal na área de comunicação no Estado.

Para ele, não é possível falar sobre o acontecido no século 20 em Santa Catarina sem mencionar com destaque “O Estado”. Entre maio de 1915 e dezembro de 2008 (na verdade, no final, como era um semanário, a última edição foi de 29 de dezembro de 2008 a 4 de janeiro de 2009), atuou ali um grupo destacado de profissionais que também trabalharam em importantes veículos de comunicação de outros Estados, vários deles como correspondentes dos principais jornais e revistas do país.

É por isso que existe quase uma unanimidade: antes da criação do curso de Jornalismo da UFSC, “O Estado” foi a escola de muitos jornalistas. O jornal passou por várias mudanças tecnológicas ao longo de nove décadas, e sua coleção completa, ainda que mal conservada em algumas bibliotecas públicas, é fonte de consulta obrigatória para ensinar a história de Santa Catarina e do Brasil, e também a história do jornalismo catarinense. “Os anos 1970 e 1980, sobretudo, foram muito produtivos, com a elaboração de grandes reportagens”, ressalta Vicenzi. O jornal chegou a ter assinaturas em todas as principais cidades do território catarinense. 32 mil assinaturas e venda avulsa de mais 10 mil jornais em bancas.

Liberdade aos profissionais

Celso Vicenzi trabalhou nos sucessivos de “O Estado” em Brusque, inicialmente, e depois em Blumenau, de maio de 1978 a abril de 1979. Morava em Blumenau e se deslocava diariamente para Brusque de ônibus, no período da manhã, retornando ao município. Chegou a Florianópolis em fevereiro de 1980 e durante um breve período também publicou uma frase de humor diária, intitulada “Seção Sem Sal”. Antes de “O Estado”, foi editor de bancas no rádio Blumenau, onde começou aos 16 anos, e mais tarde foi transferido para o Departamento de Jornalismo da emissora. Foram dois períodos: de março de 1974 a março de 1976 e de março de 1977 a janeiro de 1978. No intervalo entre os dois contratos, trabalhou no Departamento de Jornalismo do rádio Nereus Ramos, também em Blumenau, de março de 1976 a março de 1977.

Reportando-se aos anos de “O Estado”, ele destaca que o jornal dava muita liberdade aos profissionais e era onde se podia fazer muitas coisas e viajar com frequência ao interior para fazer reportagens especiais. “Apesar de não ser muito precisões, em todas as áreas, principalmente tecnológica – quando comparado com os dias de hoje –, havia uma equipe muito unida e disposta a fazer jornalismo de qualidade”, diz ele. Neste sentido, o jornal foi um difusor de informações relevantes para todo o Estado, ajudando a integrar e a divulgar as diferentes regiões. “Essa intencionalidade permitia aos leitores conhecer uma posição mais sobre a nossa gente, seus hábitos, sua cultura, sua força econômica, suas atividades esportivas e as belezas naturais, entre outros assuntos constantemente em pauta”.

Em sua carreira, Celso conquistou vários prêmios de jornalismo. O mais importante deles, o Prêmio Esso de Informação Científica ou Tecnológica, em 1985, foi resultado de uma série de reportagens sobre espécies raras ou peculiares existentes na Ilha de Santa Catarina. Foi a primeira vez, em 30 anos, que o mais importante prêmio jornalístico do país concedeu uma premiação na categoria nacional para um jornalista de um veículo de comunicação fora do eixo Rio-São Paulo. No mesmo ano, ele ganhou o Prêmio Rêgilio Sul do 4º Concurso Nacional de Reportagem da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas e Bicicletas. Em 1984, havia obtido o primeiro lugar no Prêmio Jerônimo Coelho de Reportagem, sobre os 150 anos do Poder Legislativo em Santa Catarina. Em 1983, venceu o Prêmio de Reportagem sobre a Ilha de Anhatomirim, promovido pela UFSC. Antes disso, em 1981, ficou com o primeiro lugar num concurso de reportagens sobre a península Hercílio Luz.

Em “O Estado”, Celso publicou muitas matérias sobre a luta do movimento feminista. Numa delas, em 1983, deturpou-se sobre os chamados “crimes passionais”. Um homem mata a mulher, com quem teve cinco filhos em sete anos de casamento. A alegação do homicida era de que ela se negava a manter relações sexuais e não o queria mais porque tinha outro homem. “Acusaram e julgaram no Tribunal do Juri de Palhoça para denunciar quais argumentos eram utilizados pelos advogados de defesa ou pela promotoria para julgar o que seria um comportamento adequado ou inadequado para uma mulher”, recorda.



É impossível falar sobre o que aconteceu no século 20 em Santa Catarina sem mencionar com destaque “O Estado”

Título da matéria: “Em julgamento, os papéis do homem e da mulher na sociedade”. Ainda quando estudante de Jornalismo, o seu TCC foi sobre o machismo na Igreja Católica.

Tão logo entrou, Celso não se envolvia naquela que seria, talvez, a maior cobertura feita pelo jornal: o acidente com o voo 303 da Transbrasil, que caiu no topo do Morro da Virgínia quando se preparava para aterrissar no aeroporto de Florianópolis, em abril de 1980. Dos 58 ocupantes da aeronave, apenas três sobreviveram. Lembra que na data de seu aniversário foi chamado para acompanhar a chegada dos corpos a Instituto Médico Legal e a intensa movimentação de familiares naquele local. Foi a primeira e única vez em que todos os funcionários que participaram, de todos os setores do jornal, tiveram seus nomes publicados num expediente na capa.

Mas há também as histórias engraçadas, os fatos inusitados. Ele conta um dos casos: “Certa vez um gato, não se sabe como, entrou no forno do jornal. Ninguém percebeu, até que uma das placas queles e ele caiu em cima de uma máquina de composição. A moça que estava digitando se assustou e o gato ficou ainda mais assustado. Saltava pelas paredes, tentando fugir da sala, até que alguém abriu a porta e ele desapareceu, sem entender bem o que tinha acontecido”.

Comentário politicamente incorreto

No tempo em que as notícias eram encaminhadas por telex, era comum, após o envio, o jornalista fazer algum comentário, geralmente para passar alguma informação ao editor. Certa vez um deles fez um comentário politicamente incorreto sobre um governador catarinense, em pleno exercício do cargo. Por descuido, a composição chegou junto com a notícia e assim foi publicado, no dia seguinte, para desespero do repórter e do jornal. O governador ficou quieto, fez de conta que não era com ele e tudo terminou bem. Passado o susto, resolveu boas riuadas. Ele mesmo levou com espanto, certa vez, ao final de uma notícia que enviava, um “trato obtido”.

As premiações que obteve e a capacidade de articulação e liderança deram a Celso Vicenzi o respaldo para assumir a candidatura à presidência e levar o Movimento de Oposição Sindical dos Jornalistas de Santa Catarina à sua primeira vitória na disputa pelo sindicato da categoria. Na primeira tentativa, em 1984, liderada pelo professor Ayrton Kautz, a categoria foi derrotada. Mais organizada, a oposição venceu em 1987, e Celso foi reconduzido três anos depois, organizando intensos debates sobre a profissão, realizando eventos e levando o piso salarial do Estado, então o segundo pior do país, a um patamar bem mais aceitável. Havia reuniões, assembleias e até greves na luta por melhores salários e condições de trabalho.

“Com o curso de Jornalismo e as mudanças implacáveis no jornalismo e dos profissionais de comunicação, exigiu-se o cumprimento da legislação, tanto se por trabalho decente e bons salários, os jornalistas se solidaram e opuseram movimentos reivindicatórios de melhores condições de trabalho, então, tornaram-se protagonistas de uma ideia de sociedade mais plural, mais crítica, mais democrática, mais justa e menos desigual”, diz Celso.

Hoje, ele lamenta que do ponto de vista simbólico os veículos de comunicação “governam” o Brasil, têm mais influência que a própria religião, duas coisas de vida e são uma ameaça à democracia, na medida em que estão concentrados em poucas mãos e impõem a agenda política, econômica e social do país.

Notícias do Dia Especial O Estado

"Aula prática no escuro do laboratório"

Aula prática no escuro do laboratório / Everson José Faganello / Curso de Jornalismo / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 15/05/2015

Aula prática no escuro do laboratório

Tudo começou na escuridão do laboratório. Em meio aos químicos indispensáveis para a revelação fotográfica e ao lado de profissionais como Tarcísio Mattos, Marco Cezar, Lourival Bento, Alcebiades Muniz e Rivaldo Souza, entre outros tantos perdidos na memória traiçoeira do quase cinquentão. Na época, o cineasta Everson José Faganello, 48, ainda era o Chico da vovó, o menino sonhador que aos 17 anos partiu de Seara, no velho oeste, cheio de coragem para estudar jornalismo na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Nos anos 1980, Chico Faganello passava seus dias cercado de produtos químicos, revelando filmes fotográficos

Quem o levou para "O Estado", nos anos 1980, na redação da SC-401, foi o fotógrafo Tarcísio Mattos, com quem Faganello havia trabalhado na edição de revista especializada em bicicross e motocross. Já cursava o primeiro semestre do curso de jornalismo, e passava o resto do tempo "socado no laboratório, aquele quatinho escuro com cheiro dos pro-

duto químicos no ar". Entre as tarefas diárias, ele e Carlinhos, o outro laboratorista, preparavam e distribuíam os rolinhos de filmes aos fotógrafos.

Na volta das pautas, já no fim do dia, começava a corrida contra o tempo. "Eles chegavam com uma montanha de filmes para revelar e fazer o contato (amostra em miniatura dos fotogramas revelados) que era repassado aos editores", explica. Para acelerar o processo e não atrasar trabalho de edição e diagramação, aprendeu alguns truques com fotógrafos mais experientes. Um dos segredos era soprar e apressar a secagem do filme, sem a mínima noção dos riscos que representava a falta de equipamentos de segurança no ambiente insalubre do laboratório.

"Era preciso pressa na revelação", diz. Neste caso, era comum esfregar as mãos na bacia com a mistura química para esfregar o filme. "Sem luvas ou máscara", completa ele, que se lembra de outro detalhe curioso na trajetória fotográfica do jornal. "Cada fotógrafo tinha direito a um filme para a publicação de uma foto colorida por semana."



Aos 17 anos, Faganello deixou o Oeste de Santa Catarina para estudar jornalismo em Florianópolis

Foca e veteranos lado a lado na redação

A experiência com fotos e fotógrafos experientes no laboratório foi fundamental para Chico Faganello conhecer de perto os meandros operacionais da redação de "O Estado". Aprendeu, por exemplo, a ter paciência para receber material internacional enviado por agências do exterior, como France Press.

Eram dois aparelhos, um de radiofoto e outro de telefoto, e muitas vezes a linha caía. O noticiário nacional e internacional era transmitido pelas agências pelos velhos aparelhos de telex. O arquivo fotográfico, segundo Chico Faganello, não era dos mais organizados, mas tinha conteúdo.

Logo o garoto que chegou do Oeste disfarçando a timidez virou repórter, com passagem obrigatória pelas editorias de Polícia e Geral antes de escrever sobre política e para a extinta editoria de Justiça. Faganello era um dos cozinhas e aprendeu a editar na página do noticiário internacional, até ser promovido a assistente no caderno de Cultura e Variedades - as oito páginas editadas na época por Paulo Glóvis Schmitz, o PC.

Aos 48 anos e com prioridade pessoal à produção de cinema, Faganello aponta uma diferença básica entre o jornalismo atual e o que era feito em sua época de redação. "Sinto, basicamente, falta de amor pela notícia, não vejo mais vontade de investigar e de apurar. Hoje, falta jornalismo de denúncia", avalia.

Na redação, Faganello conviveu com nomes importantes na trajetória de "O Estado" e do jornalismo local. Cita, por exemplo, Antoninho Kowalski, Wilton Libório, Laudelino Sardá, Mário Pereira, o diagramador Eron Domingues e o desenhista Fábio Veiga, hoje um dos publicitários mais importantes de Santa Catarina. Em seus últimos anos na redação da SC-401, já a caminho dos anos 1990, teve como editor-chefe um baiano que lhe chamou atenção por uma peculiaridade: mascava alho o dia inteiro e impregnava a redação com o cheiro nem sempre agradável.



Grandes reportagens e parceria com jornalistas de peso

Notícias do Dia Especial O Estado "Tempo de glórias"

Tempo de glórias / O Estado / Zeca Pires / Cineasta / Alcides Buss / Florianópolis / Curso de Letras / UFSC / Editora da UFSC / Salim Miguel



Zeca Pires: "O Estado" reproduziu as reivindicações e noticiava as conquistas que tornaram o cinema um porta-voz dos sonhos de uma nova geração

Tempo de glórias

Período de grande atividade cultural de Santa Catarina teve espaço generoso nas páginas de "O Estado"

O tempo era de glórias para os amantes da boa música. A Pro-Música de Florianópolis, comandada por Darcy Brasiliano dos Santos, trazia grandes instrumentistas do mundo inteiro e atrações como a Orquestra Sinfônica de Moscou para o Teatro do CIC, depois batizado de Ademar Sota. O grupo Egzeshon surgiu como uma referência para músicos em todo o Sul do país. O Expresso Real, depois Expresso, também chamalho os olhos catarinenses. E lá estava "O Estado" dando páginas inteiras, em formato standard, para quem era novidade, desde que houvesse talento, criatividade e inspiração.

Era a primeira metade dos anos 1980, e o grupo Armação trouxe o diretor paranaense Oraci Gemba para comandar "Zumbi", um espetáculo de proporções gigantescas para os padrões de Florianópolis. O jornal deu páginas e páginas à peça, acompanhando a preparação dos cenários, os ensaios e a estreia, com pompa e circunstância, no Teatro Alvaro de Carvalho. "Tinhamos boa cobertura e um excelente retorno das reportagens publicadas", diz Édio Nunes de Souza, ator do Armação, que depois estreou "Os órfãos de Jânio", apresentada em diferentes espaços cênicos da cidade.

No 2º Caderno, editado por Paulo Clóvis Schmitz, estavam os repórteres Everson Faganello, Fifo Lima,

Raquel Wandelli, Joca Wolff, Monique Vandresen, entre outros que, nos anos 1980, passaram pela editoria. E críticos de música, teatro, cinema, artes plásticas e literária. E cronistas como Flávio José Cardozo, Silveira de Souza, Sérgio da Costa Ramos, Holdemar Menezes e Márcio Camargo Costa. E colonistas como Beto Stodieck, Cacau Menezes, Miro, Zury Machado e Urbano Salles.

Essa equipe, que se seguraram, ajudaram a viabilizar, por exemplo, o Cineclube Camarinense e o Funcine (Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis), ao dar voz aos produtores, diretores, técnicos e atores que se reuniam para pedir mudanças na forma como o Estado e o município tratavam a produção cinematográfica. "Uma boa geração de cineastas colocou a cidade no mapa do cinema nacional", diz Zeca Pires, o mais destacado membro dessa constelação. E "O Estado" reproduzia as reivindicações e noticiava as conquistas que tornaram o cinema um porta-voz dos sonhos de uma nova geração. Gisa Franz, editora do caderno Magazine entre 1991 e 2004, destaca que os tempos não eram, como ocorre hoje, de culto às celebridades, que a mídia impõe para depois esquecer. Em todos os fins de semana, o encarte trazia 12 páginas de arte, literatura, gastronomia, moda e coisas da cidade.

Conquistas por meio do jornal

O poeta Alcides Buss ainda morava em Joinville quando "O Estado" começou a expandir o número de sucursais e ganhar o status de um jornal estadualizado de verdade. Depois, quando veio para Florianópolis, no início da década de 1980, e passou a lecionar no curso de Letras da UFSC, muitos dos livros que lançou foram objetos de pautas do periódico. Ainda mais recorrentes eram as reportagens sobre o Varal Literário, instrumento que criou para levar a poesia para as ruas e praças e abrir espaço aos novos autores.

A mesma receptividade ele encontrou quando dirigiu a Editora da UFSC, a partir de 1991, em substituição a Salim Miguel. Como chegava a todo o Estado, ter uma matéria publicada no jornal era certeza de que haveria repercussão. Um dos eventos de que Alcides se lembra é o 2º Congresso Nacional de Escritores, em São Paulo, em 1985, tema que "O Estado" explorou falando das contribuições que Santa Catarina levaria para a discussão de melhores políticas para o livro no país. "Hoje, os escritores estão mais distantes dos cadernos, e o fenômeno ocorre no Brasil inteiro", avalia. O aprofundamento que o formato standard permitia pode ser uma explicação, mas ele também acha que os leitores passaram a buscar outros tipos de informação no dia a dia.

No teatro, além da cobertura feita, também havia a crítica, papel que durante vários anos coube a Márcio Alves Neto. Ele fez isso entre 1969 e 1971, transferiu-se para o Rio de Janeiro e retornou em 1981, retomando e mantendo a atividade até 1992. Além das artes

cênicas, escrevia sobre cinema, balizando o gosto de muitas pessoas. "Os textos eram bem recebidos, para a minha surpresa, não só na área do teatro, mas também por pessoas que me abordavam comentando as opiniões que dava no jornal", conta.

O ator e diretor Édio Nunes também destaca a importância e a isenção das críticas publicadas em "O Estado". E cita um episódio que o marcou: "Um dia, folheando rapidamente o jornal, vi por alto a citação de 'Os órfãos de Jânio'. Olhei com mais atenção e vi que era um texto de Eliane Lisboa, a quem não conhecia. Foi uma das críticas mais elogiosas que o grupo Armação já recebeu". A professora Eliane Lisboa escrevia sobre teatro com regularidade no Caderno 2 do jornal.

O cineasta Zeca Pires, diretor de "Manhã", "Procuradas" e "A Antropóloga", entre outros filmes, destaca as "matérias consistentes" que o jornal publicava sobre cinema. E ressalta que seu pai, o professor e escritor Aníbal Nunes Pires, foi privilegiado pelo espaço editorial concedido por "O Estado" ao Grupo Sul e aos seus membros, nos anos 1940 e 1950. No caso do cinema, houve uma luta, especialmente a partir dos anos de 1990, por recursos destinados pelo governo do Estado à produção audiovisual, que é cara e sofre com os problemas de distribuição no Brasil. "Os editais e as leis de cultura são resultado dessas batalhas, e a imprensa foi importante para tornar públicos os nossos pleitos", diz Zeca Pires.

Notícias do Dia Especial O Estado "Cultura em Pauta"

Cultura em Pauta / O Estado / Eglê Malheiros / Salim Miguel / Franklin Cascaes / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Cultura em pauta

"O Estado" passou do simples registro de eventos em Florianópolis à divulgação das ideias e das artes de vanguarda

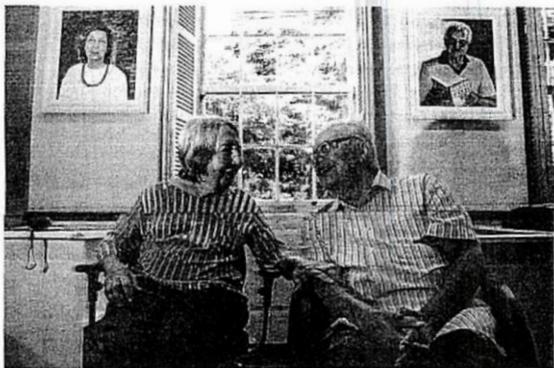
Os jornais sempre foram um poderoso instrumento de difusão da produção cultural. "O Estado" possuiu do simples registro de eventos em Florianópolis à divulgação das ideias e das artes de vanguarda, quando elas se impuseram, dobrando o conservadorismo característico da cidade. Tanto a literatura quanto as artes visuais custaram a abandonar a tradição acadêmica — tarefa facilitada pelo advento do Grupo Sul, em 1947, que trouxe os conceitos que mais de 20 anos antes haviam dado vida à Semana de Arte Moderna, em São Paulo. De lá para cá, tudo mudou, e a Capital catarinense abriga hoje tanto os pintores de paisagens e os poetas de rima pobre quanto artistas afinados com a contemporaneidade e escritores reconhecidos fora de Santa Catarina.

Por meio de "O Estado", Salim Miguel, Eglê Malheiros, Aníbal Nunes Pires e Silveira de Souza, entre outros, começaram a forçar as barricadas que jornalistas apegados ao passado, incluindo o polêmico Altino Flores, construíram e defendiam a todo custo. Com o respaldo do ex-governador Jorge Lacerda e uma determinação sem precedentes, eles chacoalharam certezas tidas como inabaláveis. A Revista Sul foi a primeira oportunidade de levar a uma ampla gama de leitores poemas e contos para gente como o próprio Salim e Nunes Pires, mas ali também havia

textos de autores de outros Estados e países — alguns dos quais chegaram ao topo, em prestígio e vendas, anos depois.

Em "O Estado" de 4 de abril de 1950 pode-se observar a temperatura da polémica entre os "novos" (Grupo Sul) e os "velhos" (a chamada Geração da Academia). Para Altino Flores, os novatos cultivam a "arte moderna" por serem incapazes de compreender e praticar a "verdadeira" arte. A resposta é demolidora: "O Sr. Flores, por mais copioso e arguto que seja, vive em 1900. Por isso não vale a pena discutir com ele as correntes literárias posteriores a esta data". As estocadas vêm de um lado e de outro. "A ironia de Altino Flores encontra a irreverência dos moços de Sul e do choque resultam agressões mútuas, verbalmente violentas", escreveu a professora Lina Leal Sabino no ensaio "O Grupo Sul na literatura catarinense".

Com o Grupo Litoral, já próximo da virada para os anos 60, foi parecido. O jornal criou um caderno semanal cuja parte cultural era coordenada pelo futuro presidente da Academia Catarinense de Letras Paschoal Apóstolo Pitsica. Carlos Ronald Schmidt, Japonan Soares, Manoelito de Ornellas, Pedro Paulo Vichietti, Franklin Cascaes, Rodrigo de Haro e Paulo Lago puderam mostrar ali as suas criações. Naqueles tempos, artistas como Ernesto Meyer Filho, Martinho de Haro e Hassis já se impunham como a vanguarda local.



Nos anos 1940, Eglê Malheiros e Salim Miguel já lutavam pela qualidade da cultura

Destaque à produção de artistas

Um espaço fixo para as coisas da cultura veio com o Caderno 2, criado nos tempos da rua Conselheiro Maíra. Editado por Luiz Henrique Tancredo, trazia crônicas de Jair Hamino, Holdemar Meenzen e Raul Caldas P., e artigos e ensaios de Salim Miguel e Péricles Prade. Também comparcia Rodrigo de Haro, com desenhos e poemas. Ainda na base da litótipo, o caderno incluía uma página com a programação cultural da cidade.

Depois, já na rua Felipe Schmidt, e com o sistema offset, a cultura passou a ser editada por Paulo da Costa Ramos, contando com três a quatro páginas diárias de informações, crônicas, colunas de variedades e reportagens especiais de Raul Caldas, que já se ocupava do planejamento urbano de Florianópolis e de figuras importantes da cidade. "Fiz uma entrevista com o arquiteto Luiz Felipe Gama d'Áyca que preconizava a 'cidade moderna', com uma ligação com o continente pelo Sul da Ilha", recorda Caldas.

Se o plano diretor de Gama d'Áyca nunca saiu, uma reportagem sobre o abandono das escolas de Franklin Cascaes num galpão da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) tirou o folclorista do ostracismo e permitiu, por via indireta, o resgate de sua obra e o reconhecimento que merecia. Depois da matéria de duas páginas no Caderno 2, a universidade editou obras a seu respeito, desenhos e textos que havia escrito, recuperando um legado que corria o risco de ser lamentavelmente esquecido.

Raul Caldas P. era um dos mais ativos jornalistas daquele período, e com Marcelino Medeiros, Paulo e Sérgio da Costa Ramos, entre outros, acompanhou e divulgou a produção local na literatura e nas artes em geral.

Os anos 1960 e 1970, em plena ditadura, foram marcados pela vinda de grandes espetáculos do Teatro Oficina e pela realização do filme "Prata Palomares" na Ilha. As presenças de José Celso Martinez Costa e de um elenco que incluía Itala Nandi e Renato Borghi mexeram com a cidade. A irreverência dessa trupe estreitou a pacata e conservadora Florianópolis daqueles anos.

Os anos 1970 foram de transformações técnicas importantes na imprensa escrita de Santa Catarina, mas as mudanças também se fizeram sentir na relação dos jornais com o mundo. O escritor Nei Duclós ajudou a criar o "Jornal de Santa Catarina", em Blumenau, e chegou a fazer parte, por quatro meses, da equipe de "O Estado", em Florianópolis, como editor de Nacional e Internacional, quando o offset foi implantado. Ele diz, contudo, que muitos jornalistas vieram de fora — foi também o seu caso — porque já se fugia de centros como Porto Alegre e São Paulo, onde "a barra era mais pesada por causa do regime".

Nei morou com outros jornalistas no bairro Itaguajá, um recanto isolado e de belo visual, tendo o cantor Luiz Henrique Rosa como vizinho e amigo. Depois voltou a São Paulo, de onde veio, porque lá o mercado de trabalho era mais farto. Trabalhou nas áreas de economia e política, em grandes veículos da imprensa brasileira, mas acabou voltando nos anos 1980, quando viu que Santa Catarina era um destino mais seguro — ainda que já era uma referência, um ponto de discussão das tendências da arte e da política num momento de intolerância e de repressão das ideias libertárias. "A gente escrevia e conversava muito, mas não tinha como publicar", diz Nei Duclós. O jeito era mandar os textos — poemas, contos, resenhas — para as revistas alternativas de outros Estados. A produção era meio marginal, típica da província, que não vivia a efervescência dos grandes centros, mais preparados para afrontar os limites impostos pela ditadura.

O jornal "O Estado" era uma referência, um ponto de discussão das tendências da arte e da política num momento de intolerância e de repressão das ideias libertárias. "A gente escrevia e conversava muito, mas não tinha como publicar", diz Nei Duclós. O jeito era mandar os textos — poemas, contos, resenhas — para as revistas alternativas de outros Estados. A produção era meio marginal, típica da província, que não vivia a efervescência dos grandes centros, mais preparados para afrontar os limites impostos pela ditadura.

Naquele tempo, migrantes como Nei se integraram à "república do Itaguajá", que reunia jornalistas, escritores, músicos e artistas dispostos mais a curtir a natureza do que polemizar e discutir o regime. Faziam isso por meio da arte, que, contudo, não repercutia como desejavam, pelo isolamento de Ilha e do Estado. "Ainda hoje me chamam de escritor gaúcho", reclama Nei, que não renega suas origens, mas que traz e replica por meio da literatura a bagagem de quem acabou pelo mundo.

Notícias do Dia Especial O Estado

“Sede moderna às margens da SC-401”

Sede moderna às margens da SC-401 / O Estado / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Jornal laboratório / Curso de Jornalismo / Ricardo Barreto



Sede moderna às margens da SC-401

Em maio de 1977, “O Estado” inaugurou sua sede definitiva, no km 2 da SC-401 na época ainda não duplicada e com o acesso limitado ao cruzamento. O prédio era dividido em dois blocos, um para a circulação e o outro para o departamento comercial. Antes de seguirem para a sede do Saco Grande, os repórteres passavam na redação e tinham as portas dos chefes de reportagem e salões para as entrevistas. Lá, dispunham de máquinas de escrever e aparelho de telex para elaboração e transmissão dos textos, ganhando tempo precioso na produção, antes da edição e processo industrial na nova gráfica.

A “redacinha”, estrutura montada no Centro de Florianópolis, dava apoio para equipe de reportagem de escrever e telex

Redação, diagramação, arte final e gráfica, por exemplo, estavam dispostos em corredores contínuos, para facilitar o fluxo da produção diária. Em dois outros blocos, os setores administrativo e financeiro estavam bem próximos do comercial, onde eram faturados anúncios, vendas avulsas e assinaturas.

Para compensar a distância, praticamente 10 quilômetros em direção ao Norte da Ilha, foi montada uma estrutura de apoio na área central da cidade. A “redacinha”, como era chamada, funcionava junto ao galpão do estacionamento particular em terreno da família Hoepecke, na esquina da avenida Hercílio Luz com as ruas João Pinó e Antônio Luz, defronte à antiga Capitania dos Portos da Marinha do Brasil.

Lá, em meio ao entra e sai de veículos, era montada também estrutura de apoio para

circulação e departamento comercial. Antes de seguirem para a sede do Saco Grande, os repórteres passavam na redação e tinham as portas dos chefes de reportagem e salões para as entrevistas. Lá, dispunham de máquinas de escrever e aparelho de telex para elaboração e transmissão dos textos, ganhando tempo precioso na produção, antes da edição e processo industrial na nova gráfica.

Pela redação de “O Estado” no Saco Grande passaram várias gerações de jornalistas, alguns ainda em plena atividade e que testemunharam a transição dos períodos românticos do jornalismo, misturado à boemia e consumo excessivo de álcool e tabagismo.

Em meados da década de 1990, às vésperas do ano 2000, a informatização da redação e demais processos produtivos, novidade tecnológica que parecia chegar para consolidar o “mais antigo”, também como o melhor e mais abrangente jornal catarinense, representou exatamente o oposto.

Encurralado pelas dívidas trabalhistas e fiscais e pela concorrência que começava a ganhar espaço no território até então exclusivo, “O Estado” dá início a doloroso processo falimentar e de fragmentação administrativa. Cai em descrédito com fornecedores, anunciantes e leitores, até fechar as portas, definitivamente.

Serviços para terceiros

A inauguração da era offset criou um novo mercado para “O Estado”, o primeiro diário de Santa Catarina a terceirizar os serviços da própria gráfica. A iniciativa foi fundamental para viabilização do Zero, o jornal laboratório da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Na época, o departamento de comunicação e expressão da universidade começava a reestruturar o curso de jornalismo, mas não dispunha de toda a estrutura necessária para viabilizar o processo industrial e materializar a teoria ensinada na academia.

“O professor [Ricardo Barreto] levava os alunos, lá eles tinham as aulas de diagramação, acabavam de produzir suas matérias, edição e revisão do jornal. Acompanhavam todo o processo posterior na gráfica, como arte-finalização, impressão e encarte”, conta Valmir Pires Lagoa, na época gerente industrial do “mais antigo”.

Lagoa lembra que a terceirização foi importante fonte de faturamento da empresa. Lá eram feitos pequenos jornais de cidades do interior, mas principalmente panfletos, informativos e periódicos de sindicatos da Grande Florianópolis.

Em época de movimento sindical efervescente, com greves pipocando em setores públicos e privados, não faltava trabalho. “Assim, criei muita carteira de clientes. Até hoje os sindicatos são meus principais parceiros”, diz Lagoa, que soube aproveitar as amizades e a clientela feitas na época que administrava a gráfica e criou a própria carteira de anunciantes.



Pantôco. Jornal usava seu parque gráfico para imprimir produtos externos.

Notícias do Dia Especial O Estado

“O Estado” foi uma grande escola, uma universidade aberta”

O Estado foi uma grande escola, uma universidade aberta / Entrevista / José Matusalém de Carvalho Comelli / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Centro Acadêmico 11 de Fevereiro / Folha Acadêmica

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. José Matusalém de Carvalho Comelli

“O Estado” foi uma grande escola, uma universidade aberta



Abrigado por Fernando Comelli comando, redator e transformou o jornal numa instituição de Santa Catarina

Quase 45 anos à frente da direção de “O Estado”, uma vida dedicada ao jornal. Ele tinha 27 anos de idade quando recebeu a missão, dada pelo sogro, Aderbal Ramos da Silva. Assumiu a administração quando a empresa tinha apenas oito funcionários, redação deficiente, circulação restrita, maquinário antiquado. Nas três décadas seguintes, o jornal chegaria a quase 500 funcionários e dispunha de uma das mais modernas impressoras do mundo, capaz de imprimir 40 mil cadernos por hora.

José Matusalém de Carvalho Comelli nunca imaginou, na sua juventude, que pudesse chegar tão longe, tornar-se o comandante de um império empresarial, do qual “O Estado” era apenas uma parte. Nascido em São José em 1938, teve uma vida de cigano na infância, porque o pai era coletor de impostos e mudou com frequência de cidade. Morou em Tubarão, Araranguá, Piratuba, Videira, Lages. Nesta, fez o ensino médio, o antigo científico, no Colégio Diocesano. Buscou qualificação, ao mesmo tempo, como técnico em contabilidade.

Deixou Lages para cursar direito em Florianópolis, onde chegou em 1957. Aqui cumpriu sua trajetória do ensino superior e acabou sendo destacado para cargos executivos no Grupo Hoepcke, presidido pelo sogro. “Foram experiências muito ricas em minha vida, ‘O Estado’ foi uma parte importante disso, o jornal ganhou minha extrema dedicação”, conta nesta entrevista, concedida em seu apartamento, no Centro de Florianópolis, no dia 4 deste mês.

O senhor veio para Florianópolis em 1957 para cursar direito. Como é que foram os primeiros tempos de vida na Capital?

Vim estudar, escolhi a carreira de advogado. Ao mesmo tempo, comecei a trabalhar no Senai, por indicação de Celso Ramos (fundador e presidente da Fiesc – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina), que meu pai conhecia. Lá fui subordinado de Alcides Abreu, que era também meu professor no curso de direito.

Além de Alcides Abreu, quem foram os outros professores que marcaram sua passagem pela faculdade?

Pedro Moura Ferro, Henrique Fontes, Ferreira Bastos, Osmundo Wanderlei da Nóbrega, Alves Pedrosa, Telmo Ribeiro, Othon Gama d’Eça, Aldo Luz, Edmundo Acácio Moreira, Paulo Blasi, Valdemiro Cascaes, José do Patrocínio Gallotti e Jobo Baptista Bonnassis são alguns dos quais me lembro agora. Eram professores do mais alto gabarito, alguns fundadores da faculdade, que estava sendo federalizada e deu origem à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Como começou o seu envolvimento com a política estudantil?

Entre para o Centro Acadêmico 11 de Fevereiro e acabei eleito presidente. Isso entre 1959 e 1960. Fui redator da Folha Acadêmica, aceitando convite de Márcio Colloço. Acho que porque já tinha uma experiência com jornal estudantil em Lages, “O Planalto”, que era um jornal diferente, ousado.

“
Curssei direito,
z política
estudantil
e fui vice-
presidente da
UNE entre
1960 e 1961.
”

Notícias do Dia Especial O Estado

"Aprendizado de ética e técnica"

Aprendizado de ética e técnica / Entrevista / Celso Martins da Silveira Júnior
/ Novembrada / João Baptista Figueiredo / O Estado / Laudelino José Sardá

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. Celso Martins da Silveira Júnior

Aprendizado de ética e técnica

“
Fui um privilegiado, porque a gente não só cobria os fatos, mas interferia.”

Repórter por excelência, Celso Martins da Silveira Júnior conta nos dedos para saber quantas vezes entrou e saiu de "O Estado" — e não arrisca-se a errar a soma. Junto com o "AN Capital", as passagens pelo "mais antigo" constituem o eixo de sua carreira, embora nos últimos anos o blog "Daqui na Rede" tenha se tornado sua razão de vida e seu ganha-pão. "A gente trabalhava com gosto e vontade, mais do que pelo salário", chega a dizer. Foi no diário que faria 100 anos agora que ele aprendeu, "com ética e técnica", a fazer jornalismo. "Fui um privilegiado, porque a gente não só cobria os fatos, mas interferia", destaca, ressaltando que esse fato se tornou possível após a abertura democrática.

Estava no jornal quando aconteceu a Novembrada, e acompanhou tanto os fatos no Centro de Florianópolis quanto o ato público que ocorreu dias depois, em 4 de dezembro, em protesto contra a prisão de cinco acusados de incitar a manifestação contra o ex-presidente João Baptista Figueiredo. "O Estado" recebeu prêmios pela cobertura do episódio, cuja dimensão foi tão grande que não havia como ocultar os fatos. Os anos de chumbo ainda vigiam, mas o jornal cumpriu bem o seu papel.

Desses anos, ele lembra da equipe de fotografia montada por Orestes Araújo, que tinha figuras como Lourival Bento, Rivaldo Souza e Sérgio Rosário. E de profissionais que marcaram os anos de ouro de "O Estado", como Laudelino José Sardá, Mário Medaglia, Antônio Kowalski, Luiz Henrique Tancredi, Mauro Pires, Carlos Ady Vieira, Orlando Tambosi, Marcos Heise, Pedro Schmitt, entre tantos outros. Na editoria de Política, trabalhou com Luiz Carlos "Baby" Espindola. "Sai e voltei tantas vezes que nunca dei baixa na carreira profissional", conta.

Fora da mídia impressa, Celso passou pela TV Buzina Verde e pela produção da rádio Gaúcha. Em 1992, estava em "O Estado" outra vez. E, em 1997, voltou para o "AN Capital", onde encerrou seu período de repórter do dia a dia em jornais impressos.

Currículo valorizado

Nascido em Laguna e radicado em Florianópolis desde os três anos de idade, os primeiros passos de Celso Martins no jornalismo foram em fevereiro de 1976 nos Diários Associados, que mantinham na cidade o "Diário Catarinense". Depois, ele passou pelo "Jornal de Santa Catarina", sucessor de Florianópolis, por "A Gazeta", com o veterano editor Carlos de Freitas, e pelo semanário "Bom Dia, Domingo". Um fato importante foi a ida para Joinville, em 1980, quando, recém-casado, apostou numa nova empreitada profissional.

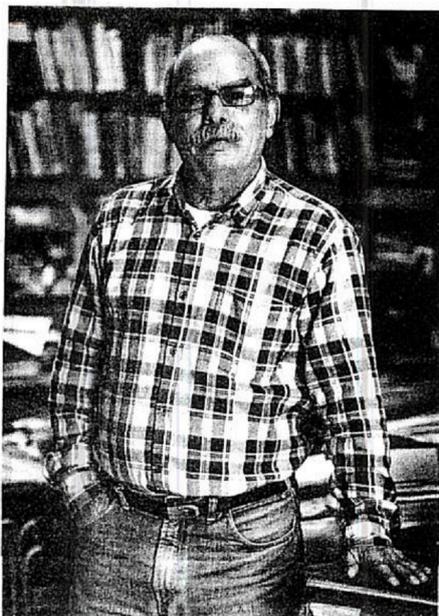
No entanto, ficou só um mês no jornal, mudando para a sucursal de Joinville de "O Estado". No Norte catarinense, também trabalhou no jornal "Extra" durante quatro anos. Ao voltar para a Capital, fez muitas matérias especiais, já com a bagagem trazida do curso de História que fez na Udesc.

Mas foi antes, em "O Estado", que a carreira decolou, porque o jornal já era estadual e contava com a melhor equipe de redação de Santa Catarina. Ali, passou por várias editorias e chegou a cobrir as atividades da Assembleia Legislativa e do Palácio de governo. De 1992 a 1997, foi chefe de reportagem e editor e também fez matérias para a Geral. Quando chegou a informatização, esforço derradeiro para dar sobrevida ao jornal, acabou se mudando para o "AN", período em que conheceu ainda melhor a cidade onde cresceu, acompanhou o crescimento e a balbúrdia urbana e as questões ambientais que se mostravam cada vez mais prementes. Ali também trabalhou com Edson Rosa, a quem considera "um bom chefe de reportagem". Antes de sair, participou de uma paralisação da redação de "O Estado" por causa da falta de pagamento do 13º salário, que deixou toda a equipe sem dinheiro antes do Natal. "Era chefe de reportagem de manhã e editor à tarde, o pessoal ameaçou parar e eu apoiei", conta.

De repórter a autor de grandes reportagens

Entre 2003 e 2007, para suprir a falta de formação acadêmica, Celso Martins fez o curso de História na Udesc. Tinha em mente, também, escrever livros de memória e história. Com formação marxista, ele chegou a militar clandestinamente e foi filiado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), que pregava a luta sindical e ajudou a formar o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), atual PMDB. A academia deu-lhe a possibilidade de transformar seu interesse pela história em livros importantes, que modestamente chama de grandes reportagens.

Publicou "Os quatro cantos do sol" e "Aninha virou Anita", já com os critérios e a metodologia que aprendeu no curso. Seu trabalho de conclusão foi sobre o coronelismo, focado na figura de José Fabrício das Neves — o homem que matou o coronel João Gualberto, que veio do Paraná para enfrentar os revoltosos — e no combate do Irani, um dos capítulos não suficientemente explorados da Guerra do Contestado.



De mergulho na Joazequina a invasão da TV Cultura

Mergulho na profissão

Para entrar no jornal "O Estado", Celso Martins passou por um teste. O editor Carlos Ady Vieira mandou o fazer uma matéria sobre os salva-vidas na Praia da Joazequina. Ele se atirou no costão, atraiu os agentes e conseguiu, com essa estratégia, as melhores imagens para Rivaldo Souza, o fotógrafo que o acompanhava. A Joazequina passou e a edição do dia seguinte trouxe uma página inteira com imagens sobre o trabalho dos salva-vidas.

Outra situação inusitada foi a invasão da TV Cultura, em 1986, por um soldado que, armado, interrompeu um debate esportivo da emissora. O caso gerou uma tensão sem precedentes, porque ninguém sabia o que poderia acontecer com os jornalistas que participavam do programa. Celso e o fotógrafo Marco Cezar estavam na Laguna da Conceição para fazer uma reportagem sobre a passagem do cometa Halley. De lá, voltaram de madrugada para a redação, onde seriam descarregadas as fotos. Souberam do problema na TV, correram para lá e conseguiram empregar a matéria no dia seguinte.

Hoje, Celso Martins mantém o portal de notícias "Daqui na Rede", que cobre tudo o que acontece no Sambaqui, Santo Antônio de Lisboa, Barra do Sambaqui e Caxupé, e também coisas de fora (incluindo antigas), quando for do interesse dos moradores desta parte do Norte da Ilha de Santa Catarina. Ali, pratica o chamado microjornalismo, que tem a vantagem de abarcar um universo específico e a desvantagem de mexer com comunidades onde quatro ou cinco famílias tradicionais ainda dão as cartas, como no passado.

Paulo Pinheiro Machado, da UFSC, que estava na banca de seu TCC. Os CDs incluíam o inquérito e o julgamento dos envolvidos. A partir deles, Celso tornou-se o primeiro historiador a trabalhar em cima do valioso documento.

Fabrício das Neves é uma figura mola na historiografia catarinense", lamenta o jornalista, que lembrou de ter visto o processo citado apenas pelo historiador Maurício Vinhas de Queiroz, com base em anotações de Joaquim Ribas, de Porto União. O material estava no fórum de Palmar, no Paraná, que nunca o liberou para pesquisa e consulta.

Esse tema resultou no livro "O mato do tigre e o campo do gato — José Fabrício das Neves e o combate do Irani", obra que deu vida aos personagens do episódio, entre eles antigos maragatos que haviam fugido do Rio Grande do Sul no fim da Revolução Federalista. Outros livros de sua autoria são "Os Comunas — Álvaro Ventura e o PCB catarinense", "Faro de Santa Marta — A esquina do Atlântico", "Tabuleiro das águas — Resgate histórico e cultural de Santo Antônio da Imperatriz" e "Os quatro

Notícias do Dia
Especial O Estado
"Fotógrafo que fez história"

Fotógrafo que fez história / Entrevista / Clemente Paulo Dutra / Fotógrafo / Salim Miguel / Assessoria de Comunicação / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Notícias do Dia ESPECIAL O ESTADO - 13/05/2015

Entrevista. Paulo Dutra

Fotógrafo que fez história

“
Divertido,
atento e curioso,
Paulo Dutra
protagonizou
inúmeras
histórias que
entraram para
o anedotário
da imprensa
catarinense.”

Clemente Paulo Dutra. Ou só Paulo Dutra – ele não gostava muito do primeiro nome. Ou Negão, o apelido que o acompanhou a vida inteira. Pouco importa como o conhecemos, mas sim o seu incrível talento para a fotografia e para cultivar amigos. Talento que frequentou as páginas de "O Estado" desde os tempos da linotipo, quando o jornal em geral publicava apenas uma foto – a "foto do dia", sempre na capa.

Paulo Dutra foi descoberto por Salim Miguel, na década de 1950, durante as filmagens de "O Preço da Ilusão", projeto cinematográfico do saudoso Grupo Sul, que acabou fracassando porque sua montagem nunca foi concluída.

O filme era bem ruim, mas um grande desafio para o grupo de jovens modernistas catarinenses, um marco histórico. Retratava a Florianópolis da época, suas paisagens e personagens, com um enredo fraco e sem muito apelo. Paulo Dutra era um moleque, criado no Morro do Céu, de onde saía todos os dias para acompanhar o movimento das filmagens. Sua presença constante e sua curiosidade pela logística cinematográfica despertaram a atenção de Salim. Nasceu ali um companheirismo e uma amizade que perdurou por toda a vida, até a morte de Paulo, em 2012, aos 72 anos.

O fotógrafo aprendiz acabou chegando a "O Estado", onde, segundo consta, foi o primeiro profissional do gênero a prestar serviços constantes (o jornal também utilizava material dos fotógrafos comerciais, como Anacleto e Cid Junkes, este do Foto B). Orestes Araújo, que trabalhou com Paulo Dutra em "O Estado", acredita que ele tenha sido o primeiro a ter a carteira profissional assinada.

Causos divertidos contados nas mesas de bar

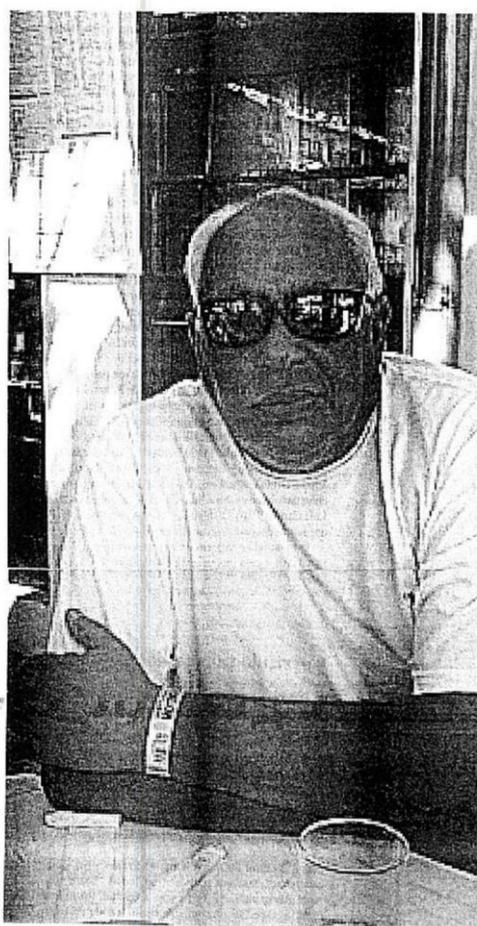
Divertido, atento e sempre curioso, como qualquer bom repórter, Paulo Dutra protagonizou inúmeras histórias que entraram para o anedotário da imprensa catarinense. O primeiro topless na Praça da Joaquina, por exemplo. Há quem diga que o flagrante na verdade foi produzido por Paulo, que teria contratado duas moçoilas da sociedade local para posarem meio de lado, com parte dos seios à mostra, na praia vazia. Ele nunca confirmou, mas ria muito quando alguém, numa mesa de bar, lembrava o caso.

Outro episódio foi relacionado a um suposto disco voador que teria aparecido no interior do Estado. De novo, reza a lenda, Paulo Dutra recorreu à produção: atrançou uma tampa de panela de alumínio, atirou-a no ar e fotografou-a como se fosse o tal disco voador. Não se sabe se a foto chegou a ser publicada, mas é outra história com a qual ele se divertia.

O apelido de Pasto do Bode dado ao Campo da Liga – o estádio Adolfo Konder, no quarteirão entre a Mauro Ramos, Germano Weidhausen, Altamiro Guimarães e Bocaiuva, onde hoje é o Beiramar Shopping – foi obra de Paulo da Costa Ramos, editor do jornal na década de 1970. O campo andava maltratado, o mato crescia a olhos vistos. PCR encomendou a Paulo Dutra uma imagem para a capa do jornal. Criativo, o fotógrafo foi ao Morro do Céu, onde moravam seus pais, "alugou" uns bodes e levou-os para pastar no estádio. E a foto ganhou destaque merecido em "O Estado".

Da província para o Rio de Janeiro

A carreira de Paulo Dutra ganhou força com a entrada de "O Estado" na fase offset, em 1972. Fotografava tanto para o noticiário geral quanto para o



Acredita-se q
ele tenha si
o primei
ter a carte
profissio
assinada
"O Estad

esporte e as colunas sociais. Foi um dos fotógrafos favoritos de Zury Machado e Beto Stoddeck, depois Cacau Menezes, Miro e Urbano Salles.

Na década de 1970, foi para o Rio de Janeiro, a convite de Salim Miguel, e trabalhou durante algum tempo para a revista Manchete, a mais importante do país à época. De volta a Florianópolis, atuou na Agência Nacional (hoje EBC) e, depois, foi transferido para a assessoria de comunicação da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), de novo sob o comando de Salim.

Gostava da noite e seu drink favorito era o Cuba Libre, que bebia moderadamente, sempre na companhia de uma legião de amigos. A praia preferida, claro, era a da moda, e que nunca saiu de moda para várias gerações, a Joaquina. Era um *bon vivant* assumido.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Tese associa bailes de idosos à prevenção de doenças cardiovasculares](#)

[Tese de doutorado associa bailes de idosos à prevenção de doenças cardiovasculares](#)

[Príncipe Charles envia congratulações pelo Inventário Florístico-Florestal de Santa Catarina](#)

[Florianópolis celebra o International Jazz Day com shows gratuitos](#)

[Casa da Cultura de São José recebe exposição e palestra sobre o culto ao divino](#)

[Justiça determina implantação de ponto eletrônico para servidores da UFSC](#)